

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**SEXO, PRAZER E TRABALHO: ESTUDO SOBRE O PRAZER SEXUAL EM
TRABALHADORAS DO SEXO**

Beatriz Monteiro Silva Simões dos Santos

Outubro, 2019

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Alexandra Oliveira* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Alexandra Oliveira, por nunca exigir menos do que aquilo que sabia que eu era capaz.

À minha mãe, por me dar o mimo que eu sempre precisei quando pensei em desistir e ao meu pai por dizer sempre as palavras erradas (pior psicólogo do mundo), mas atuar no sentido inverso.

Ao meu irmão que, apesar da sua ausência física, me ter feito sempre rir e lembrar que a vida é para aproveitar e tudo se faz... com calma.

Ao meu pentágono, que muitas semanas, me tomou como desaparecida, mas que me apoiou e esteve sempre lá para mim quando eu mais precisei. A todas vós, um fortíssimo obrigada.

Ao Sr. Engenheiro, meu Tiago, por todas as tardes comigo só a ver-me escrever, por todas as noites para eu adormecer melhor, mas principalmente por seres a pessoa que melhor sabe usar as palavras sobre mim. Ninguém me acalma como tu.

A toda a equipa do Programa Autoestima por ter demonstrado tanto interesse nesta investigação quanto eu.

Às participantes desta investigação porque, sem elas, estas páginas valiam zero. A vossa abertura para comigo valeu mais que ouro e espero ter descrito aquilo que me transmitiram da melhor forma. Sem vós, nada disto teria sido possível.

Resumo

A sexualidade das trabalhadoras do sexo é um tópico muito pouco desenvolvido na investigação o que poderá estar relacionado com o estigma associado a esta população, bem como da pouca importância atribuída ao prazer sexual feminino. Tal como todas as pessoas, estas profissionais têm direito à sua sexualidade, prazer e intimidade, podendo desenvolver relações fora do contexto comercial.

Com efeito, o objetivo desta investigação é compreender a sexualidade destas mulheres, tanto nas suas relações de intimidade, como nas suas relações comerciais. Para tal, procuramos perceber as suas atitudes, as crenças e os significados atribuídos tanto ao prazer sexual como à intimidade, em ambos os contextos.

Esta investigação adotou o método qualitativo, tendo sido realizadas vinte entrevistas individuais semiestruturadas, a trabalhadoras do sexo atualmente envolvidas numa relação de intimidade, que foram sujeitas a análise de conteúdo.

A análise dos resultados demonstra que as trabalhadoras do sexo envolvidas numa relação íntima obtêm prazer sexual com os seus companheiros e/ou companheiras. Além disso, estas mulheres procuram esse prazer e, consoante o seu nível e necessidade de satisfação, fazem-no ativamente tanto em contexto privado como comercial.

As conclusões apontam para a importância das relações de intimidade e expressão da sexualidade feminina na vida das trabalhadoras do sexo.

Esperamos que o presente estudo possa ajudar a desconstruir alguns dos estereótipos associados às mulheres envolvidas no trabalho sexual, nomeadamente aquele que as associa à incapacidade de obter prazer, bem como a enfatizar a importância da sexualidade nestas mulheres.

Palavras-chave: trabalhadoras do sexo, trabalho sexual, sexualidade, prazer sexual, relações de intimidade, mulher.

Abstract

The sexuality of sex workers is a very underdeveloped topic in research, which may be related to the stigma attached to this population, as well as the low importance given to female sexual pleasure. Like all people, these professionals are entitled to their sexuality, pleasure and intimacy and can develop relationships outside the business context.

Indeed, the purpose of this research is to understand the sexuality of these women, both in their intimate relationships and in their business relationships. To this end, we seek to perceive their attitudes, beliefs and meanings ascribed to both sexual pleasure and intimacy in both contexts.

This investigation adopted the qualitative method. Twenty semi-structured individual interviews were conducted with female sex workers who were currently involved in an intimate relationship and subjected to content analysis.

The analysis of the results shows that sex workers involved in an intimate relationship obtain sexual pleasure with their partners. In addition, these women seek this pleasure and, depending on their level and need for satisfaction, actively do so in both private and commercial contexts.

The conclusions point to the importance of relationships of intimacy and expression of female sexuality in the lives of sex workers.

We hope that the present study may help to deconstruct some of the stereotypes associated with women engaged in sex work, notably those that associate them with the inability to derive pleasure, as well as to emphasize the importance of sexuality for these women.

Key Words: sex workers, sex work, sexuality, sexual pleasure, intimate relationships, woman.

Résumé

La sexualité des travailleuses du sexe est une question très peu étudiée et développée dans la recherche, qui peut être liée à stigmatisme associé à cette population, et aussi au manque d'importance attribué au plaisir sexuel féminin. Comme tout le monde, ces professionnelles ont droit à leur sexualité, plaisir et intimité, et peuvent établir et développer des relations hors du contexte commercial.

En fait, le but de cette investigation est de saisir la sexualité de ces femmes, dans leurs relations d'intimité comme dans leurs rapports commerciaux. Pour cela, nous avons cherché de percevoir leurs attitudes, les croyances et les signifiés attribués autant au plaisir sexuel qu'à l'intimité, dans les deux contextes.

Cette investigation a adopté la méthode qualitative, ayant été réalisées vingt entrevues individuelles semi-structurées à des travailleuses du sexe actuellement impliquées dans une relation d'intimité, qui ont été soumises à l'analyse de contenu.

L'analyse des résultats démontre que les travailleuses du sexe vivant une relation intime atteignent du plaisir sexuel avec leurs compagnes/compagnons. En outre, ces femmes cherchent ce plaisir et, selon leur niveau et leur besoin de satisfaction, le cherchent activement, soit en contexte privé, soit en contexte commercial.

Les conclusions pointent vers l'importance des relations d'intimité et l'expression de la sexualité féminine dans la vie des travailleuses du sexe.

Nous espérons que la présente étude pourra aider à déconstruire certains des stéréotypes associés aux femmes impliquées dans le travail sexuel – notamment celui qui les associe à l'incapacité d'obtenir du plaisir sexuel – et aussi à souligner l'importance de la sexualité chez ces femmes.

Mots clés: travailleuses du sexe, travail du sexe, sexualité, plaisir sexuel, relations intimes, femme.

Índice

Introdução	1
Enquadramento teórico	3
1. A trabalhadora do sexo e as reações ao trabalho sexual	3
2. A trabalhadora do sexo e as relações sexuais comerciais	5
2.1. A divisão corpo/mente durante o ato sexual comercial	5
2.2. O preservativo como barreira psicológica	6
2.3. Trabalho e prazer sexual	8
3. A mulher trabalhadora do sexo e as suas relações privadas	9
3.1. O preservativo em contexto íntimo	9
3.2. O prazer sexual das trabalhadoras do sexo	11
4. O impacto da atividade sexual comercial nas relações íntimas da trabalhadora do sexo ..	13
Estudo empírico	15
1. Metodologia	15
1.1. Objeto e objetivos de investigação	15
1.2. Método	16
1.2.1. Instrumento de Recolha de Dados: Guião de Entrevista Semiestruturada.....	16
1.2.2. Participantes.....	17
1.2.3. Procedimentos de Recolha de Dados.....	18
1.2.4. Procedimentos de tratamento dos Dados: Análise de Conteúdo de tipo	
Categorial.....	20
Apresentação, análise e discussão dos resultados.....	22
1.O envolvimento e o prazer sexual nas relações íntimas das trabalhadoras do sexo	22
1.1.O relacionamento afetivo	22
1.2. O relacionamento e o prazer sexual	24
2. O prazer sexual ou a sua ausência em contexto comercial	28
2.1. O prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial.....	28
2.2. A ausência de prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial	29
3. A utilização do preservativo em relações privadas e comerciais: motivos e distanciamento emocional.....	31
Análise integrativa e crítica dos discursos das trabalhadoras do sexo envolvidas numa relação de intimidade.....	35
Conclusões	42
Referências bibliográficas.....	46
Anexos	50

Índice de Anexos

Anexo 1. Guião da entrevista.....	51
Anexo 2. Consentimento oral informado.....	55
Anexo 3. Categorias de análise.....	56

Introdução

Uma crença comum em relação à diferença entre o sexo comercial e o sexo em contexto privado (desde os casos de uma noite às relações íntimas a longo prazo) é a de que a presença de uma transação monetária no primeiro aliena a mulher da sua própria sexualidade ou, até mesmo, da sua identidade (Kontula, 2008). Uma trabalhadora do sexo acaba por ser vista como um meio, pronto para ser usado, para atingir um fim: o prazer masculino. A partir deste pensamento, muita da pesquisa relativa a este tópico centra-se no modo como a trabalhadora do sexo é vítima daquilo que faz, desumanizando e homogeneizando este grupo estigmatizado. Parte da pesquisa científica existente sobre a prostituição foca-se nos seus aspetos mais negativos, tais como as infeções sexualmente transmissíveis, a violência e a necessidade de controlo da ordem pública, promovendo uma visão discriminatória, exclusora, desempoderante e simplista destas pessoas (Oliveira, 2013). Quanto à sexualidade das mulheres envolvidas no sexo comercial, a informação sobre como estas mulheres vivem a sua sexualidade e como a conjugam com a atividade profissional que exercem é muito escassa, não havendo espaço para o conhecimento deste aspeto da sua vida e ignorando que elas são seres humanos com necessidades sexuais. Em Portugal, a investigação que se debruça sobre este tema é inexistente.

Assim, admitindo que existem vários fatores que influenciam a intimidade das trabalhadoras do sexo, o presente trabalho tem como objetivo perceber como as trabalhadoras do sexo lidam com a sua sexualidade, analisando o prazer que obtêm (ou não) nas relações privadas e nas relações comerciais, de forma a explorar a influência da atividade profissional na sua sexualidade.

Para guiar o nosso estudo, adotámos uma posição fenomenológica e heurística e optámos por uma metodologia de cariz qualitativo que nos permitisse a compreensão das vivências, atitudes, percepções e significados das mulheres que estão no trabalho sexual e que, simultaneamente, estão envolvidas numa relação íntima fora do contexto comercial.

Consideramos que esta investigação é pertinente devido à escassa investigação que existe relativamente a este tópico. Como todas e todos, as mulheres envolvidas no trabalho sexual têm direito à sua sexualidade e ao seu prazer sexual. No nosso entender, esta investigação

poderá ainda dar um contributo para combater os preconceitos e juízos de valor existentes, que assumem sempre que as mulheres envolvidas no comércio do sexo são vítimas do seu trabalho, viciadas em sexo ou, pelo contrário, incapazes de obter prazer. Em suma, olhar para a trabalhadora do sexo como uma mulher com necessidade de obter prazer sexual pode ajudar a alterar o modo como o trabalho sexual é percecionado.

Assim, o presente estudo é composto por cinco capítulos. O primeiro diz respeito à revisão de literatura que efetuamos acerca da perceção social do trabalho sexual, das estratégias adotadas pelas mulheres trabalhadoras do sexo para conciliarem as suas relações íntimas e o prazer sexual com a profissão e, finalmente, da sexualidade feminina como um construto. Num segundo capítulo, procederemos à apresentação do método usado nesta investigação, sendo explicado todo o processo empírico. No capítulo três, faremos a apresentação, a análise e a discussão dos dados obtidos com as entrevistas realizadas às profissionais do sexo envolvidas numa relação de intimidade e, no capítulo seguinte, realizaremos uma análise integrativa e crítica dos dados. Finalmente, no último capítulo desta dissertação, teceremos algumas considerações finais nas quais apresentamos as conclusões principais do estudo, refletimos sobre as suas potencialidades e limitações e apresentamos algumas sugestões para futuros estudos neste âmbito.

Enquadramento teórico

1. A trabalhadora do sexo e as reações ao trabalho sexual

O trabalho sexual, ou a prostituição, tem sido um tema divergente dentro do movimento feminista. No âmbito dos feminismos, a discussão sobre a prostituição é um dos mais antigos debates, tendo surgido logo na 1ª vaga deste movimento e evoluindo com este, quando, a 2ª vaga do feminismo, a partir dos anos 70 do século XX, começou a desmontar as representações tradicionais da prostituição salientando a livre escolha e a responsabilização de cada mulher sobre as suas decisões (Pinto, Nogueira & Tavares, 2010 citado em Oliveira, 2013). Assim, é difícil chegar a um consenso entre as diversas visões feministas, sendo que algumas das correntes feministas consideram que o trabalho sexual reduz o corpo da mulher a um objeto pronto a ser explorado pelos homens (Pai & Seshu, 2014). Este pensamento acentua a ideia de que as trabalhadoras do sexo não têm vontade própria, não sendo capazes de tomar decisões autónomas, tornando-se vítimas da profissão. Atualmente, a abordagem vitimizante, aquela que mais fortemente é associada com «o» feminismo, encontra-se a par de uma outra visão sobre a prostituição, que encara esta como uma opção e um trabalho (Oliveira, 2013). Com efeito, olhar para o trabalho sexual como uma escolha também reflete uma visão feminista que aceita estas mulheres como capazes de decidir sobre as suas vidas. Contudo, a adesão a esta profissão acarreta dificuldades para as envolvidas, sujeitas à ideia tradicional de que o sexo não se consegue dissociar da intimidade, sendo o único propósito deste a reprodução.

Frequentemente, a sexualidade feminina foi vista não só como perigosa e uma fonte de doença, mas também como um meio de garantia de valores e guardiã da pureza moral (Barreto, 2008). Segundo Kempadoo (1998 citado em Barreto, 2008), uma das maiores dificuldades na visão do trabalho sexual enquanto ocupação profissional é a visão normativa da união entre o “sexo” e o “amor”, baseada na crença de que sem o segundo, o primeiro é prejudicial e abusivo. Deste modo, a visão do trabalho sexual como uma profissão que vitimiza aquelas que o exercem é enfatizado pela ideia de que não existe sexo sem amor. Assim, a adesão a esta atividade é um desafio pessoal destas mulheres, que estão sujeitas a serem alvo de julgamentos moralistas de base judaico-cristã, que atribuem ao sexo uma conotação unicamente amorosa, com o objetivo de reprodução e não de prazer próprio (Ferreira & Camolesi, 2014). De facto, a ideia geral entre

a população feminina é a de que o sexo vaginal é uma expressão máxima de intimidade (Pottle, 2009). Este argumento sugere que o sexo mais *correto* é o vaginal, pois este é justificado através da reprodução, isto é, o sexo é o meio para garantir a continuidade da espécie. O poder regulamentava e policiava a sexualidade feminina, sobretudo se se tratasse duma sexualidade externa aos esquemas da procriação (Oliveira, 2002). Por outras palavras, a única razão justificativa para o ato sexual seria a reprodução, pelo que tudo o que fosse além deste propósito era considerado errado, imoral.

Muitas vezes assume-se que aquilo que um indivíduo considera errado, é errado para todas e todos. O mesmo se aplica ao sexo. Um estigma extremo e punitivo mantém alguns comportamentos sexuais num *status* inferior, constituindo uma sanção contra aquelas e aqueles que os praticam (Rubin, 1989). Este comportamento insere-se num sistema de valores, em que a sexualidade “errada” ou “anormal” pode incluir a promiscuidade, os fins comerciais, a masturbação, a pornografia e os brinquedos sexuais (Barreto, 2008). Por outras palavras, as categorias sexuais mais desprezadas normalmente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo e aqueles que trabalham como modelos em pornografia e, o mais baixo de tudo, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais (Rubin, 1989).

Portanto, apenas é aceite e compreensível aquilo que é normativo. Neste sentido, a atividade das trabalhadoras do sexo é avaliada negativamente pela sociedade, pois os atos sexuais “errados”, por elas praticados, são intrinsecamente negativos, desvalorizando-se o tipo de relação entre as pessoas envolvidas ou o prazer atingido (Barreto, 2008).

Por um lado, ao considerar que o sexo está associado à intimidade e sentimentos fortes, assume-se que a trabalhadora do sexo precisa de criar estratégias para distinguir o sexo comercial do sexo privado que a ajudem a reduzir os possíveis riscos emocionais associados a esta profissão. Assim, estas mulheres são capazes de dualizar a existência feminina, dividindo o corpo e a mente entre mãe cuidadora e trabalhadora do sexo (Allen, Castañeda, García, Hernández-Avila & Ortiz, 1996), desenvolvendo a capacidade de ligar e desligar a postura no trabalho e a pessoa que são em casa (Pyett & Warr, 1999). Deste modo, as trabalhadoras do sexo conseguem proteger o seu “Eu” interior, reduzindo os riscos emocionais do seu trabalho. É de notar que a ameaça destes riscos é posicionada por estas mulheres muito acima dos riscos de saúde ou violência, pois é necessário criar estratégias emocionais tanto na esfera privada, como na arena de trabalho pública (Sanders, 2004). Na esfera pública, a trabalhadora do sexo combate

uma opinião negativa e comum que os outros adotam da mesma, não só pela associação romântica do sexo com o amor, mas também pelo facto de esta ser uma atividade profissional proibida. Quando está em questão uma profissão ilegal, as estruturas acabam por não mostrar qualquer suporte às trabalhadoras e aos trabalhadores, visto não haver direitos das mesmas e dos mesmos, nem qualquer tradição para reivindicá-los (Vanwesenbeeck, 2005). À medida que descemos na classificação tradicional de comportamentos sexuais, os indivíduos que os praticam estão sujeitos à presunção de doença mental, ausência de respeitabilidade, criminalidade, restrições à sua mobilidade física e social e perda de apoio institucional e económico (Rubin, 1989).

Por outro lado, é relevante afirmar que a falta de apoio social e os juízos de valor construídos em torno das práticas sexuais das trabalhadoras do sexo não são o único desafio destas profissionais. O relacionamento das trabalhadoras do sexo com as respetivas famílias não varia em função do modo como as primeiras lidam e gerem a sua vida comercial, mas sim no modo como o seu meio envolvente reage à situação. Assim, uma trabalhadora do sexo esconde da família aquilo que faz não por temer a reação desta, mas a da sociedade (Ferreira & Camolesi, 2014). A redução ou prevenção de reações sociais e do estigma social em torno das pessoas envolvidas no comércio do sexo deve ser o objetivo principal de qualquer política que trabalhe no sentido de melhorar o bem-estar e o *status* social das envolvidas (Vanwesenbeeck, 2005).

Finalmente, desafiar o patriarcado não é fácil, precisamente porque o trabalho sexual o espicaça constantemente, bem como aos estereótipos e compreensão da sexualidade feminina, o que provoca um sentido de turbulência e agitação entre aqueles que lutam por manter o patriarcado (Pai & Seshu, 2014).

2. A trabalhadora do sexo e as relações sexuais comerciais

2.1. A divisão corpo/mente durante o ato sexual comercial

As mulheres que se prostituem conseguem desenvolver uma capacidade de separação entre a mente e o corpo, o que lhes permite um distanciamento emocional em relação ao cliente (Ferreira & Camolesi, 2014). Quando as mulheres estão envolvidas no ato sexual comercial, muitas das vezes, o seu pensamento diverge daquela ação, abstraindo-se do próprio corpo e pensamento. Pode considerar-se que, até certo ponto, o trabalho sexual é baseado em

comportamentos e emoções forjadas por parte das trabalhadoras do sexo (Vanwesenbeeck, 2005). Durante o ato sexual, quando estão a *representar*, o seu desejo é que os clientes atinjam o orgasmo rapidamente, para que acabe a relação sexual (Oliveira, 2002). Assim, estas mulheres assumem o papel de profissional do sexo. Efetivamente, referem uma dissociação física durante as horas de trabalho, ficando o corpo encarregue das tarefas desagradáveis e a mente com as mais importantes, como a família (Allen et al., 1996). Aquando do ato sexual, as profissionais não estão a pensar no sexo que estão a ter com o cliente, pois aquele comportamento que tem um significado sexual para o cliente tem um sentido unicamente económico para a mulher (Oliveira, 2002). Tendo em conta esta perspetiva, uma mulher que se prostitui desenvolve mecanismos de defesa próprios, com o intuito de se proteger das consequências negativas que podem advir desse mesmo trabalho. A literatura sobre trabalho sexual, uma profissão da área da prestação de serviços por excelência, sugere que as estratégias de distanciamento das trabalhadoras do sexo podem estar fortemente associadas a uma despersonalização, que se traduz numa atitude cínica, fria e baseada na indiferença em relação aos clientes (Vanwesenbeeck, 2005). Tal posição é consequência da conexão integral entre a sexualidade e a consciência do “Eu”, que exige a adoção de estratégias por parte da trabalhadora, de modo a que esta seja capaz de se distanciar da forma como o corpo é usado na prostituição (Pyett & Warr, 1999). Assim, as mulheres envolvidas no comércio do sexo acabam por desenvolver estratégias que lhes permitem manter um distanciamento emocional durante a relação sexual e é o estabelecimento dessas fronteiras emocionais que as permitem manterem-se intactas (Oliveira, 2002). Como consequência, pode supor-se que a “despersonalização” ou cinismo entre profissionais do sexo, contrariamente ao que surge noutros grupos de profissionais, está associado a níveis mais baixos de exaustão emocional e sintomatologia de stress e a níveis mais altos de autoestima e competência pessoal (Vanwesenbeeck, 2005).

Para todos os efeitos, é importante olhar para a “despersonalização” como uma estratégia destas mulheres para se defenderem e não como uma patologia associada ao trabalho sexual.

2.2. O preservativo como barreira psicológica

O sexo comercial envolve fenómenos sociais variados e é praticado por pessoas de todos os géneros e diferentes idades, níveis socioeconómicos e contextos, pelo que uma interpretação maniqueísta e monolítica deste fenómeno é insuficiente (Allen et al., 1996). Uma trabalhadora

do sexo sabe como lidar de forma profissional com os sentimentos durante as horas de trabalho, tanto que uma das estratégias para construir uma barreira psicológica com os clientes é a utilização do preservativo (Sanders, 2002), já que este garante não só a proteção da saúde física da trabalhadora do sexo, como também a psicológica. O uso do preservativo pode ser apresentado como um mecanismo simbólico que isola a “pureza” e “limpeza” do “Eu”, separando-as do resultado tangível (o sêmen) do serviço que disponibilizam (Allen et al., 1996). Nas transações profissionais, o preservativo é visto como uma barreira contra a intimidade e os sentimentos, visto que as mulheres relatam o conforto que o preservativo oferece por impedir a pele dos clientes de tocar no seu corpo (Sanders, 2002). Na maior parte das vezes, a utilização do preservativo nem é discutível, considerando-se algo quase como obrigatório (Sanders, 2004). No entanto, a negociação da sua utilização tende a tornar-se mais difícil à medida que as conexões sociais e emocionais com o cliente se desenvolvem, mesmo não estando presente a procura de intimidade por parte das trabalhadoras do sexo (Amaro et al., 2015). Adicionalmente, em certos casos, os clientes tendem a compensar as trabalhadoras monetariamente de modo a induzi-las a aceitar comportamentos sexuais de maior risco, visto que estes podem valorizar pouco a utilização do preservativo (Luke, 2006). O medo de revelar a sua identidade está negativamente associado ao uso consistente do preservativo, pois as trabalhadoras do sexo preocupam-se com possíveis questões que lhes são direcionadas pela família ou conhecidos, quando estes descobrem preservativos nos seus objetos pessoais (Li et al., 2014). Mesmo assim, estas mulheres têm a noção de que a prática de relações sexuais desprotegidas acarreta consequências irreversíveis, pelo que mesmo aquelas que trabalham em estabelecimentos partilhados por outras trabalhadoras do sexo, como bares de alterne e apartamentos, regem-se pelas regras básicas desse mesmo local de trabalho (Sanders, 2004).

Durante o ato sexual comercial, as trabalhadoras do sexo usam barreiras físicas (preservativos, esponjas, etc.) no sentido de desprover aquele ato de qualquer significado, pois para estas mulheres, os fluidos masculinos contaminam tanto o seu corpo, como a sua mente (Sanders, 2002).

Por um lado, os riscos associados à saúde não são vistos como a prioridade de preocupação das mulheres trabalhadoras do sexo. Ao usar um *continuum* de avaliação do risco para entender como as profissionais do sexo percecionam os perigos ocupacionais dentro da profissão, é possível atingir um melhor entendimento sobre a natureza desses perigos na

prostituição, as rotinas destas mulheres e as características organizacionais da indústria do sexo, refere Sanders (2004). Segundo esta autora, os riscos de saúde associados ao trabalho sexual são uma questão de responsabilidade individual, pelo que as mulheres envolvidas no comércio do sexo veem-nos como uma dificuldade controlável e, tendo como apoio a informação científica e os instrumentos indispensáveis (preservativo, pílula, entre outros), uma ameaça menos preocupante. Assim, os riscos emocionais associados à profissão são mais importantes que a saúde física e a violência que possa surgir, pois as estratégias emocionais construídas têm que ser mantidas tanto na esfera privada como na esfera pública (Sanders, 2004).

Por outro lado, a utilização do preservativo funciona como um mecanismo de defesa, tendo como objetivo garantir a separação de emoções durante o trabalho, equiparando-se a estratégias de outras profissões, como na psicoterapia ou no teatro. É de notar que a utilização do preservativo tem uma conotação que lhe é associada, pelo que este simboliza o distanciamento e o caráter profissional do sexo para as trabalhadoras do sexo (Vanwesenbeeck, 2001). Constrói-se, então, um *status* do preservativo, pois este impossibilita vários momentos considerados como mais íntimos durante o sexo, facilitando a consciência daquele ato como comercial, tornando a sua não utilização num sinal de amor (Ditmore & Rockwell, 2009). Sentir o roçar da pele dos clientes na sua, ou permitir que os fluidos dos mesmos penetrem o corpo são momentos que não ocorrem, vistos pelas trabalhadoras do sexo como ameaças ao distanciamento emocional (Sanders, 2002). É importante salientar que, em certas ocasiões íntimas, os parceiros não comerciais exigem a utilização do preservativo, por considerarem que uma mulher envolvida no comércio do sexo é mais “suja” que as outras (Vanwesenbeeck, 2001), enfatizando a ideia estigmatizada destas mulheres, que, pelo contrário, acabam por apresentar menos doenças do que a população em geral pelos cuidados que têm.

2.3. Trabalho e prazer sexual

Como referimos no início deste capítulo, o conhecimento acerca do prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial é escasso, o que justifica a reduzida informação neste subtópico apresentado de seguida.

Quando falamos em sexo, falamos em prazer, mas esta associação surge apenas quando envolve duas pessoas íntimas. Ora, a ideia de que o prazer que advém do sexo é errado e prejudicial é um ponto de vista que está muito presente nas visões sobre o trabalho sexual, pois

acredita-se que o facto de fazer sexo com desconhecidos em troca de dinheiro, por exemplo, é em si algo negativo e pejorativo (Barreto, 2008). Portanto, imaginar que uma trabalhadora do sexo, durante as horas de trabalho, poderá obter proveito não só lucrativo, como também sexual é uma possibilidade para refletir.

O trabalho sexual é uma profissão que envolve o ato sexual e como tal, o prazer pode surgir como consequência desse envolvimento, dependendo dos fatores que o influenciem. Kontula (2008) salientou que, mesmo que o prazer sexual não seja evidente para as trabalhadoras do sexo, quer nas relações privadas ou nas comerciais, a maioria das entrevistadas pela investigadora referiram o orgasmo e o prazer como fazendo parte do seu trabalho. No entanto, esta ideia é tanto desprovida de qualquer atenção, como considerada errada e imoral pelo senso comum. O problema é que as próprias mulheres envolvidas no comércio do sexo interiorizam essa ideia e, como consequência, criam mecanismos de repressão do prazer. Controlar o prazer no trabalho por vezes é difícil, sendo que certas trabalhadoras do sexo casadas desenvolvem um sentimento de culpa quando obtêm o orgasmo, pois sentem que estão a trair os seus companheiros (Chonody, Dunk-West & Murphy, 2015; Oliveira, 2011). Ao obterem o orgasmo com um cliente, estas mulheres sentem que estão a entregar uma parte de si que durante o trabalho deve ser reservada para a relação íntima. Deste modo, reprimem esse prazer porque desejam que a vontade sexual não esteja presente.

Apesar do prazer da profissional não ser o foco do seu trabalho, ele pode estar presente e não ser passível de controlo. Quando o prazer surge, a capacidade de o controlar ou reprimir pode não ser suficiente para manter o distanciamento que o momento requer.

3. A mulher trabalhadora do sexo e as suas relações privadas

3.1. O preservativo em contexto íntimo

As mulheres trabalhadoras do sexo conseguem dividir e controlar a sua sexualidade, bem como o significado do sexo, dependendo do contexto em que ocorre (Sanders, 2002). Como vimos, essa diferenciação é consequência alcançada através de estratégias de proteção do “Eu”, com base em emoções e personalidade falsas, ou da repressão e controlo do prazer sexual, no contexto comercial. Mas o que mais diferencia as práticas sexuais privadas das comerciais é o uso do preservativo. Nas relações íntimas, os envolvidos percebem os benefícios do sexo

desprotegido, que acabam por compensar os potenciais riscos de transmissão de doenças, pois desenvolve-se uma relação baseada na abertura emocional, confiança e segurança no parceiro (Amaro et al., 2014). A ausência do preservativo nestas relações é um sinal de segurança, proximidade e intimidade (Sanders, 2002). Além disso, a não utilização de métodos contraceptivos em contexto privado baseia-se na confiança que as trabalhadoras do sexo atribuem aos seus parceiros íntimos (Fang, Li, Stanton, Wang & Zhao, 2008). Simultaneamente, pode questionar-se se é possível desenvolver esta dinâmica de abertura emocional quando o relacionamento é construído com propósitos financeiros (Amaro et al., 2014).

Como referido no subcapítulo anterior, fazer sexo com um cliente *ativa* na mulher um conjunto de comportamentos e posturas que não aplica durante o sexo com um parceiro íntimo, estando, assim, o preservativo dependente de uma conotação negativa quando usado em contexto privado, não comercial (Sanders, 2002). Portanto, a colocação do preservativo em contexto privado pode significar que a trabalhadora do sexo não confia plenamente no parceiro íntimo ou, então, que usa o método contraceptivo contra possíveis riscos de saúde ou gravidez.

É de notar que as mulheres envolvidas no trabalho sexual admitem que esta atividade desafia a manutenção da sua sanidade mental, pelo que desenvolvem estratégias para organizarem os seus sentimentos e atribuírem, de um modo constante, significados ao sexo comercial que lhes permita controlar o seu estado psicológico (Sanders, 2002). Segundo esta autora, a utilização do preservativo não deixa de ter uma função dual, pois não é apenas um invólucro de borracha que impede o sémen de penetrar o corpo da mulher; ele previne também que o cliente invada a sua vida privada, influenciando os seus pensamentos e as suas relações pessoais. Deste modo, o preservativo é encarado como uma barreira psicológica, capaz de ajudar a profissional a manter o distanciamento emocional durante as horas de trabalho. O facto de o uso do preservativo surgir com este significado em contexto comercial leva estas mulheres a rejeitarem-no completamente nas suas relações privadas (Allen et al., 1996).

Ao controlar o significado atribuído à utilização do preservativo, as trabalhadoras do sexo relembram-se de que são elas quem define a situação, pois têm o direito a isso, bem como o poder para reprimir sentimentos inapropriados para o contexto (Sanders, 2002). O trabalho emocional é algo muito presente no trabalho sexual, o que nos permite perceber o modo como estas mulheres diferenciam o sexo e reconstróem a sua identidade sexual, conjugando as emoções ligadas ao sexo em diferentes contextos (Sanders, 2002). Contudo, um dos fatores que

faz com que estas mulheres percecionem o sexo como trabalho e o sexo como prazer (Sanders, 2004) de formas diferentes é a transação monetária. Segundo elas, é essa a diferença entre fazer sexo e fazer amor, e é impossível fazer amor com quem lhes paga (Oliveira, 2002).

Resumindo, o uso do preservativo está associado ao ato sexual comercial, pelo que quando é utilizado nas relações íntimas é percecionado como uma barreira à intimidade e à proximidade emocional, sendo o seu uso raro neste contexto (War & Pyett, 1999 citado em Sanders, 2002).

Tendo isto tudo em conta, colocam-se duas grandes questões: Será que a necessidade de mecanismos de defesa e estratégias de regulação emocional faz com que o trabalho sexual seja, *per se*, um desafio? Será que isto é consequência de uma sociedade que ainda menospreza o comércio do sexo, negligenciando quem o compra e vende?

3.2. O prazer sexual das trabalhadoras do sexo

Quando a sociedade concebe o sexo que uma trabalhadora do sexo desempenha, redu-lo ao uso do corpo da profissional para total prazer de um cliente, nunca considerando as dificuldades, sensações e pensamentos básicos equivalentes num ato sexual entre duas pessoas, em contexto íntimo ou conjugal. Nestas circunstâncias, a mulher é vista como um meio para atingir um fim e um ser incapaz de se envolver intimamente com alguém, não havendo liberdade para desfrutar da sua sexualidade.

Será que uma mulher que passe o dia a fazer sexo por dinheiro consegue desfrutar de um momento íntimo com o seu parceiro, no final do seu trabalho? Por um lado, durante o ato sexual, a atenção das mulheres é imprescindível para a obtenção do clímax, pois se esta estiver distraída ou a pensar em algo fora daquele contexto (exemplificando, os pensamentos automáticos como ansiedade por mostrar o seu corpo nu a alguém), a sua mente não se envolve no ato. Assim, a investigação indica uma associação entre a falta de pensamentos eróticos e a dificuldade na obtenção do orgasmo (Cuntim & Nobre, 2011). Neste sentido, o meio envolvente do ato sexual comercial não facilita a obtenção de prazer por parte da trabalhadora do sexo, pois é desprovido de qualquer associação erótica. Além disso, o cliente é visto como um prémio monetário e não como alguém com quem se pode obter prazer sexual. Contudo, este fenómeno não depende apenas das condições eróticas do contexto, mas sim da vontade da profissional de obter esse prazer.

No que respeita ao prazer sexual de uma trabalhadora do sexo, não existe uma demarcação precisa e rigorosa que distinga o sexo pessoal do sexo comercial (Kontula, 2008). No entanto, as profissionais do sexo conseguem obter orgasmos durante uma relação sexual com os parceiros de intimidade, mas preferem não o ter com os clientes, pois veem esse sexo como algo mecânico (Chonody et al., 2015). A principal variável que influencia o prazer sexual em ambos os contextos é o modo como a trabalhadora do sexo percebe o ato sexual em questão. Portanto, aquilo que influencia o prazer sexual nestas mulheres em nada difere da sexualidade das restantes fora do comércio do sexo, dependendo sempre do seu bem-estar físico e emocional.

A maioria dos estudos comportamentais mostram-se incapazes de reconhecer a diversidade do trabalho sexual num determinado contexto, fortalecendo a ideia que as mulheres envolvidas no comércio do sexo são uma população homogênea (Hindin, Nathanson, Rakotoarison, Razafintsalama & Stoebenau, 2009). Na verdade, quando se fala em trabalho sexual, muitas vezes o discurso é manipulado não só em torno do tráfico, como também da visão da prostituição como violência contra as mulheres, ofuscando outros aspetos deste domínio que precisam de ser discutidos de forma a garantir a estas trabalhadoras agência e um ambiente de trabalho livre e seguro (Pai & Seshu, 2014). Além de mais, a teoria radical feminista reforça a ideia de que a violência, a degradação e a opressão de género são inerentes, omnipresentes e inalteráveis na prostituição (Weitzer, 2005). Ora, estas perspetivas impedem a adoção de um olhar para a trabalhadora do sexo como uma mulher com vontade e direitos sexuais.

Agora, no que toca ao prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto privado, tanto a atividade profissional como as variáveis que influenciem a sua relação íntima, que deve ser entendida como a de qualquer outro casal considerado normativo, estão associadas ao prazer. Por outras palavras, a capacidade de obtenção de prazer sexual nas relações íntimas é influenciada pela qualidade da relação das duas pessoas. De facto, a teoria triangular do *Sternberg* sustenta que o amor integra três componentes: a intimidade, a paixão e o comprometimento, sendo que a presença ou não, mais ou menos intensa destas componentes, desenvolve diferentes formas de amor (Amaro et al., 2014). Efetivamente, as relações entre trabalhadoras do sexo e seus companheiros em nada se distinguem das pessoas que não estão envolvidas neste comércio, estando presente todo um espectro de relações (amorosa, abusiva, afetiva, entre outras), pelo que nada lhes impede de viverem uma relação amorosa autêntica

(Oliveira, 2011). Portanto, mesmo numa relação íntima, a possibilidade de haver uma confiança sexual para a mulher conseguir obter o orgasmo pode não ser garantida. Mas estas considerações, perspectivas e óticas só ganharão poder quando as profissionais do sexo deixarem de ser vistas como vítimas e sem autodeterminação.

Tendo isto tudo em conta, reconhecer os prazeres do trabalho sexual não significa negar as ameaças que podem ser experienciadas, nem promover uma imagem romântica do que acontece (Pottle, 2009). Simplesmente, devemos alargar os horizontes da prostituição, olhando para quem a pratica como pessoas, como quem gosta de obter prazer e não como vítima (Corrêa & Holanda, 2012).

4. O impacto da atividade sexual comercial nas relações íntimas da trabalhadora do sexo

Como referido anteriormente, as mulheres envolvidas no comércio do sexo são perspectivadas como vias de obtenção de prazer, nunca considerando a sua vontade sexual. Tendo em conta que a sexualidade das mulheres, no geral, sempre foi uma questão debilitante e ignorada, se associarmos o mesmo tópico a um grupo estigmatizado como o presente neste estudo, então a discussão é praticamente nula. Porém, as opiniões variam à medida que o tempo avança e tendo em conta que a sexualidade é um construto social, este é passível de mudanças e questionamentos, sendo um campo de batalha em que ocorrem lutas por significados, que também são construídos (Barreto, 2008).

Por um lado, estas mulheres sentem que o trabalho sexual as torna capazes de experienciar uma intimidade mais profunda com os seus parceiros íntimos, além de que o seu trabalho melhora não só a sua vida sexual privada, como a autoestima e a confiança (Bellhouse, Bilardi, Crebbin & Fairley, 2015). Bernstein (2007) percebeu que muitas das trabalhadoras do sexo da classe média que entrevistou nos EUA referiam um aumento no seu prazer sexual nas relações de intimidade, levando ao aumento da sua autoestima, quando procuradas constantemente por parte dos clientes (Smith, 2017). Efetivamente, algumas trabalhadoras do sexo afirmam que o sexo comercial tem um impacto positivo nas suas relações íntimas (Bellhouse et al., 2015). No entanto, quando a componente sexual de uma relação não satisfaz um dos envolvidos, esta necessidade de obter prazer sexual mantém-se fora da relação e pode

surgir noutros contextos.

Na pesquisa realizada por Barreto (2008 citado em Corrêa & Holanda, 2012), as trabalhadoras do sexo afirmam que o sexo com os clientes é muito importante como fonte de prazer, compensando realidades que não conseguem obter fora da prostituição. Portanto, quando estas mulheres não veem a sua vontade sexual satisfeita dentro da relação íntima, procuram a obtenção de prazer no trabalho. Tais informações são essenciais para suportar o movimento dos direitos das trabalhadoras do sexo (Pottle, 2009), apelando a um horizonte mais abrangente do que aquilo que a ciência procura na prostituição, ou seja, a sua conexão com a transmissão de doenças (Oliveira, 2011). Perspetivar as trabalhadoras do sexo como tendo a necessidade de se satisfazerem sexualmente desvia o centro de investigação do trabalho sexual, dando lugar a áreas de pesquisa associadas tanto à sua sexualidade como à sua heterogeneidade. O importante é perceber que a maioria das representações do senso comum reproduz visões exageradamente simplificadas do trabalho sexual e tudo aquilo que este envolve (Hindin et al., 2009). Portanto, a melhor forma de mudar este pensamento seria alterar o rumo das investigações sobre o comércio do sexo, direcionando-o para a importância da sexualidade, intimidade e prazer sexual nesta população e recorrendo à heterogeneidade e subjetividade de todas as trabalhadoras do sexo no que concerne a estes parâmetros das suas vidas.

Concluindo, de acordo com Kontula (2008), é possível encontrar vários exemplos de como a capacidade de controlo dos atos comerciais emancipou as trabalhadoras do sexo no que toca à sua sexualidade, tornando estas mulheres capazes de decidir quando, onde e com quem querem sentir prazer.

Estudo empírico

1. Metodologia

1.1. Objeto e objetivos de investigação

O nosso objeto de estudo são as relações sexuais das trabalhadoras do sexo e o seu prazer sexual, com o objetivo de compreender a sexualidade destas mulheres, tanto nas suas relações de intimidade, como nas suas relações comerciais.

Para tal, procuramos perceber, com profundidade, o modo como estas mulheres percecionam tanto o prazer sexual como a intimidade, em ambos os contextos, tendo em conta as atitudes, as crenças e os significados atribuídos a estes construtos. Pretendemos ainda perceber os fatores que desencadeiam o prazer sexual nestas mulheres em ambos os contextos e o modo como conciliam este prazer com a sua profissão e com as suas relações de intimidade. Finalmente, ambicionamos compreender as perceções, crenças e atitudes associadas ao uso do preservativo nas suas relações privadas e comerciais.

Assim, os nossos objetivos específicos são:

1. Conhecer se as trabalhadoras do sexo obtêm prazer sexual tanto nas suas relações comerciais como privadas;
2. Conhecer os fatores que influenciam o prazer sexual das trabalhadoras do sexo, tanto nas suas relações comerciais como privadas;
3. Perceber se as trabalhadoras do sexo diferenciam entre prazer sexual nas relações privadas e prazer sexual nas relações comerciais;
4. Compreender o significado das relações íntimas para as trabalhadoras do sexo;
5. Compreender o modo como as trabalhadoras do sexo conciliam as relações sexuais comerciais com as relações sexuais privadas;
6. Conhecer se a atividade profissional das trabalhadoras do sexo tem influência nas suas relações de intimidade, nomeadamente no seu prazer sexual;
7. Conhecer as motivações associadas ao uso do preservativo tanto nas suas relações comerciais como privadas.

1.2. Método

Segundo Braun e Clarke (2013), a definição básica de análise qualitativa é o uso das palavras e do significado destas como informação acerca de um dado grupo, ao contrário da quantitativa, que se baseia em números para representar uma determinada população. Neste sentido, a metodologia qualitativa é encarada numa lógica exploratória, como meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade, e não tanto numa ótica de verificação (Maroy, 1995). Assim, esta metodologia permite-nos analisar o material recolhido com pormenor e chegar a conclusões através da organização do *corpus*, para podermos explorar os objetivos definidos.

O objetivo da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (Bardin, 1977). Segundo esta autora, esta análise baseia-se numa hermenêutica controlada, baseada na dedução, isto é, a inferência, pelo que corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos ou à evolução das hipóteses.

Assim, considerámos este tipo de análise como o mais adequado para a nossa investigação, na medida em que é aquela que nos permitirá avaliar e compreender o modo como as trabalhadoras do sexo percecionam o seu prazer sexual nas suas relações com o Outro, explorando as suas atitudes e percepções.

1.2.1. Instrumento de Recolha de Dados: Guião de Entrevista Semiestruturado

Tendo em conta que pretendíamos compreender a perspetiva das trabalhadoras do sexo em relação ao seu prazer sexual e intimidade, bem como aceder ao discurso e significados das participantes, considerámos a entrevista semiestruturada qualitativa como o instrumento mais adequado para a recolha de dados. Segundo Oliveira (2008), a entrevista semiestruturada possibilita um maior entendimento das questões a estudar, uma vez que permite não só realizar perguntas necessárias à investigação, como também a possibilidade de as modificar, possibilitando o surgimento de questões não planeadas, que poderão melhorar a compreensão do objeto em questão. As entrevistas semiestruturadas oferecem os relatos de vida de um número de participantes mais pequeno, mas permitem uma abordagem mais pormenorizada (Maroy, 1995). Contudo, devemos ter sempre em conta que o relato de um participante, apesar de estar a representar um grupo social, não pode ser generalizado a toda a população em questão (Ruquoy, 1995).

Para conduzir as entrevistas recorreremos a um guião construído especialmente para esta investigação, contendo questões que, com base na revisão da literatura, foram consideradas importantes para o estudo do prazer sexual nas relações das trabalhadoras do sexo. Assim, o guião de entrevista (cf. Anexo 1) é composto por questões relativas a três grandes temas, escolhidos de modo a afunilar a abordagem ao objeto de estudo, a saber: 1. Intimidade e relacionamento, incluindo duas questões sobre as características da sua relação íntima, bem como a dinâmica e os sentimentos envolvidos na mesma, 2. Envolvimento e prazer sexual, que nos permitiu averiguar tanto a dinâmica da componente sexual nas relações privadas, como a obtenção de prazer sexual em contexto íntimo e/ou em contexto profissional e 3. Distanciamento emocional e utilização do preservativo, permitindo-nos perceber o significado atribuído ao seu uso, em ambos os contextos.

1.2.2. Participantes

Uma investigação qualitativa implica uma seleção bem delineada dos indivíduos, ou grupo de indivíduos, que nos permitam compreender a problemática em questão. Para tal, contactamos um programa de saúde regional dirigido a trabalhadoras do sexo¹ (de rua e de interior) que dispõe de Centros de Atendimento e de duas Unidades Móveis para podermos ter acesso à população de trabalhadoras do sexo. Assim, depois de termos assegurado a devida autorização para realizar o estudo, pedimos a uma das técnicas que nos indicasse as utentes deste programa que estavam atualmente envolvidas numa relação de intimidade, fora do contexto comercial, para que as pudéssemos questionar sobre a possibilidade de participação na nossa investigação.

Assim, todas as mulheres entrevistadas, à exceção de uma, com quem fizemos um contacto independente, eram utentes desse programa de saúde e estavam envolvidas numa relação de intimidade.

A nossa amostra é constituída por 20 trabalhadoras do sexo, envolvidas numa relação de intimidade, sendo esta de natureza variada incluindo: casamento, namoro ou união de facto. Realizamos mais uma entrevista que acabámos por não incluir na nossa análise, uma vez que a mulher entrevistada apresentava défices cognitivos evidentes, não tendo produzido um discurso válido para análise.

¹ Trata-se do Programa Autoestima da ARS-Norte, onde realizamos o nosso estágio curricular.

Nos estudos qualitativos interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se coloca (Ruquoy, 1995). Segundo esta autora, o critério que determina o valor da amostra passa então a ser a sua adequação aos objetivos de investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida. Tendo isto em conta, e considerando os objetivos da investigação, assim que as informações recolhidas nas entrevistas se começaram a repetir, demos por terminada a recolha de dados.

Das 20 mulheres entrevistadas, seis são de nacionalidade brasileira e as restantes são portuguesas. A média de idades é de 42 anos, tendo a profissional mais nova 25 anos e a profissional mais velha 58 anos. Todas as mulheres identificavam-se com o seu sexo biológico (cisgénero), sendo dezoito heterossexuais, uma homossexual e uma bissexual. A maioria das mulheres vive em meio urbano (19) e uma em meio rural. As habilitações literárias das entrevistadas divergiram desde o analfabetismo (1), até à formação no ensino superior (2), tendo seis mulheres o 1º ciclo, três o segundo ciclo, três o terceiro ciclo e cinco que completaram o ensino secundário. Das mulheres entrevistadas, catorze realizam o seu trabalho na rua e seis em apartamentos alugados.

1.2.3. Procedimentos de Recolha de Dados

De acordo com Ruquoy (1995), uma entrevista semiestruturada permite que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objeto perspetivado. Esta autora afirma ainda que a definição do objeto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar, ao sabor do seu pensamento e exige o aprofundamento de pontos que ele próprio não teria explicitado.

Assim sendo, a condução da entrevista foi realizada com alguma flexibilidade, dando-nos a possibilidade de aceder ao nosso objeto de estudo, através da exploração de tópicos que fossem pertinentes para a investigação. Além disso, permitiu também alterar a forma e o momento em que as questões planeadas foram colocadas, tendo a sequência dos três grandes temas sido alterada, em algumas entrevistas.

Para responder aos objetivos da investigação, realizámos entrevistas em profundidade com as utentes do Programa Autoestima. As entrevistas foram realizadas em diferentes momentos da rotina do Programa Autoestima, pois tendo sido este o nosso local de estágio, o

seu horário foi adequado à disponibilidade tanto da equipa do Programa, como das mulheres que foram entrevistadas.

O primeiro contacto com as mulheres da amostra foi feito como consequência da presença da investigadora na equipa do Programa Autoestima que fazia, e faz, as rondas na Unidade Móvel pelas zonas de trabalho sexual predefinidas. Antes de iniciar as entrevistas, mantivemos esta presença durante algumas semanas para estabelecer uma relação de familiaridade com estas mulheres. No primeiro momento em que estabelecemos conversa com as possíveis participantes, fazíamos uma breve apresentação da investigação e esperávamos por uma resposta afirmativa por parte das profissionais interpeladas. Assim, a marcação do dia da entrevista foi feita ou por via telefónica ou diretamente com as mulheres, que aceitaram participar na investigação. Por vezes, a entrevista realizava-se logo após o momento em que questionávamos as trabalhadoras acerca da sua vontade de participar na investigação, ao qual elas respondiam afirmativamente. Apesar da unanimidade das respostas ter sido afirmativa, quatro das profissionais do sexo que inicialmente aceitaram participar, no dia combinado para a realização da entrevista, não compareceram na ronda da Unidade Móvel, pelo que não foram incluídas na nossa amostra.

Primeiramente, para garantir o cumprimento dos princípios éticos da investigação, no início da interação com as entrevistadas foi feita uma apresentação inicial tanto da investigadora, como dos objetivos do estudo, do processo de recolha dos dados e do modo como a entrevista iria decorrer. Foi obtido o consentimento oral por parte das entrevistadas, antes do início de cada entrevista (cf. Anexo 2).

O local em que a entrevista decorre deve facilitar no entrevistado a expressão do ponto de vista pessoal, devendo ser pertinente relativamente ao objeto de estudo e ao mesmo tempo responder a determinadas exigências mínimas (Ruquoy, 1995). Contudo, realizámos 14 entrevistas diretamente na Unidade Móvel do Programa Autoestima durante as “voltas”, o que impediu uma privacidade desejada entre a investigadora e a participante, não só porque a restante equipa do Programa estava presente na zona dianteira da Unidade Móvel, como as viaturas que frequentavam as ruas em que estávamos posicionadas criavam ruído de fundo constante. Relativamente às restantes seis entrevistas, três decorreram nas instalações do Programa Autoestima e três no local de trabalho das profissionais, onde a investigadora se dirigiu aí sozinha.

As entrevistas decorreram entre o dia 14 de fevereiro e o dia 27 de março do ano corrente, tendo a sua duração variado entre seis e trinta e cinco minutos. Das vinte mulheres que entrevistámos, dezassete consentiram a gravação da entrevista, o que permitiu uma transcrição integral das mesmas. No caso das restantes três, tivemos que recorrer a uma escuta atenta e a uma escrita rápida durante a qual fomos anotando o discurso que captávamos. Após a recolha, as entrevistas gravadas foram transcritas e procedemos à sua análise de conteúdo em conjunto com as entrevistas não gravadas.

1.2.4. Procedimentos de tratamento dos dados: Análise de Conteúdo de tipo Categorical

Segundo Guerra (2014), a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados, que visa a interpretação de material de carácter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos. Desta forma, a entrevista semiestruturada permitiu-nos observar e perceber as atitudes, crenças e significados que as trabalhadoras do sexo associavam ao prazer sexual e às suas relações de intimidade.

As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, (Bardin, 1977).

Primeiramente, lemos todo o corpus de dados da investigação de um modo abrangente. De seguida, durante a leitura das entrevistas, fomos destacando nos discursos das trabalhadoras do sexo as informações mais relevantes, consoante os objetos e objetivos da investigação. Finalmente, passámos à criação de categorias, isto é, classes pertinentes de objetos, ações, pessoas ou acontecimentos (Maroy, 1995), no sentido de organizar os dados brutos do material.

Segundo Bardin (1977), existem dois processos inversos de categorização, que nesta investigação foram tidos em conta. No procedimento por caixas, é fornecido o sistema de categorias e os elementos repartem-se da melhor maneira possível à medida que são encontrados. No procedimento por milha, o sistema de categoria não é fornecido, pelo que estas provêm da classificação analógica e progressiva dos elementos.

Assim, dividimos o texto em categorias, algumas construídas previamente, com base no guião da entrevista, e outras que foram surgindo com a necessidade de descrição de certos excertos no discurso das entrevistadas (cf. Anexo 3).

A análise do conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização não introduz desvios no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos (Bardin, 1977). Assim, esta análise mista permitiu a organização dos dados, sem qualquer alteração e a classificação do que é significativo no material, averiguando semelhanças e discordâncias.

Em suma, a metodologia qualitativa foca-se nas perspetivas e significados de cada pessoa, na sua unicidade, no sentido de entrar na mente destas e enfatizar a importância do seu testemunho (Braun & Clarke, 2013).

Apresentação, análise e discussão dos resultados

O presente capítulo encontra-se dividido em três grandes temas, em que cada um apresenta a descrição e análise dos dados das entrevistas feitas às trabalhadoras do sexo. No primeiro capítulo, será apresentado o tema do envolvimento e do prazer sexual das trabalhadoras do sexo nas relações íntimas, sendo estas divididas na componente afetiva e na componente sexual. No segundo capítulo, analisaremos o prazer sexual ou a sua ausência em contexto comercial, sendo primeiro salientada a sua presença e, de seguida, os fatores para a sua ausência neste contexto. No terceiro tema, será exposta a relação entre os motivos para o uso ou não uso do preservativo nas relações privadas e/ou comerciais e a sua associação com o distanciamento emocional.

Segundo Guerra (2014), na pesquisa qualitativa, a validade da técnica de observação depende da riqueza de detalhes presentes nas descrições. Assim, nesta investigação faremos uso de excertos das entrevistas na descrição e análise de dados, com vista à conservação e captação dos significados atribuídos ao discurso pelas mulheres entrevistadas, por considerarmos que é um método de validação dos resultados obtidos.

1.O envolvimento e o prazer sexual nas relações íntimas das trabalhadoras do sexo

1.1.O relacionamento afetivo

Contrariamente à ideia do senso comum associada às relações amorosas das pessoas envolvidas no trabalho sexual, a primeira conclusão que podemos tirar é a de que estas estão envolvidas numa relação íntima por decisão própria. Isto é, a partir dos resultados obtidos podemos concluir que elas mantêm controlo sobre a relação, no sentido em que o seu envolvimento e empenho na relação obedece aos seus desejos. No que diz respeito aos limites que impõem à relação, embora a maioria das trabalhadoras do sexo entrevistadas não imponha limites no que toca ao envolvimento íntimo, duas das mulheres indicaram-nos que o faziam. Estas duas trabalhadoras do sexo estabelecem restrições àquilo que se disponibilizam a concretizar com o parceiro (*Só há uma coisa na nossa relação que eu não faço: é dar beijos na boca.* - E9) e não se sentem confortáveis quando estes são transgredidos.

No que respeita à influência da atividade profissional na relação, concluímos que esta se observa consoante o conhecimento ou ocultação da mesma, por parte da trabalhadora do sexo, ao companheiro. Na maioria das relações das mulheres entrevistadas (n=17), os companheiros têm conhecimento da sua atividade profissional, afirmando que esta não influencia a dinâmica da relação (*Em nada!* - E18).

As três mulheres que decidiram omitir a profissão aos seus companheiros apresentam três justificações distintas. A primeira mulher afirma que o companheiro não se mostra interessado em saber. A segunda mulher, que mantém uma relação à distância com o namorado, afirma ter medo de que este deixe de nutrir sentimentos por ela se descobrir a sua profissão, pelo que a omite para salvaguardar a relação (*Não quero que venha, senão ele tem que ver o que faço e não quero.* - E3) A terceira mulher teme que o conhecimento pelo companheiro da sua atividade profissional possa afetar o bem-estar psicológico deste, decidindo assim ocultar o que faz para o seu bem (*Agora, se contei à pessoa? Não, não contei à pessoa (...) Porque acho que não seria uma mais valia e só iria prejudicar e magoar a pessoa.* - E8). Assim, os motivos para que não contem aos companheiros sobre a sua atividade tanto são para os protegerem como para protegerem a relação.

É de notar que oito das mulheres entrevistadas estão envolvidas com alguém que inicialmente foi seu cliente (*Ele conheceu-me nesse trabalho. Ele foi um cliente meu.* - E2) e, portanto, eles tiveram conhecimento, por experiência pessoal, da sua atividade profissional. Os fatores que estas mulheres apresentam para iniciarem uma relação com estes homens fora do contexto comercial são de natureza económica (*(...) eu ando com ele porque ele me ajuda (...) Quando eu preciso de dinheiro, olha, ligo-lhe.* - E4) e afetiva (*(...) nasceu uma grande amizade entre mim e ele.* - E13).

Relativamente aos sentimentos e outros aspetos positivos da relação íntima, as entrevistadas relatam uma grande variedade, nomeadamente o afeto (*(...) chegámos a um ponto há aquela amizade, aquele afeto entre uma e outra.* - E13), o amor (*Porque você sabe porque o amor... sentimento que gera na gente aquela química.* - E7), o apoio (*Porque essa pessoa já me ajudou muito nos momentos mais difíceis da minha vida.* - E9), o carinho (*Sim, sinto que ele é muito amável comigo.* - E20), a confiança (*Nunca houve nada até hoje que me suscitasse qualquer tipo de dúvida ou de desconfiança.* - E9), o conforto (*Se tiver que estar na casa de banho e ele ter que entrar, ele entra ou se ele estiver na casa de banho e eu ter que entrar eu*

entro. - E21²), a gratidão que expressam na relação em que se encontram (*É gratificante por você achar uma pessoa, não é, que ele aceita, que é igual.* – E7) e a sinceridade entre ambos. Assim, das vinte mulheres entrevistadas, treze afirmam estar totalmente satisfeitas, a nível global, com a relação, não desejando mudar nada a respeito da mesma. (*Não mudaria nada.* - E17).

Tendo em conta a satisfação global na relação, esta foi caracterizada em termos de qualidades e dificuldades que foram apresentadas ao longo do discurso, sendo que a maioria das mulheres (n=13) afirma uma total satisfação global relativamente ao seu relacionamento (*Não tenho queixa, sinto-me completa. Ele é boa pessoa.* - E3) e as restantes (n=7) consideram haver aspetos que gostariam de ver alterados na relação. Assim, os problemas apresentados por estas relacionam-se tanto com características da personalidade do companheiro, como com fatores que impedem a satisfação sexual total destas mulheres - tópico que será discutido no segundo tema deste capítulo. Além disso, uma das mulheres atribui a características do seu funcionamento pessoal os aspetos negativos do seu relacionamento. De qualquer forma, o que é importante salientar é o facto de que as dificuldades apresentadas pelas entrevistadas que impedem uma satisfação global na relação íntima não estão diretamente relacionadas com a sua atividade profissional.

1.2. O relacionamento e o prazer sexual

Relativamente à componente sexual da relação íntima das mulheres entrevistadas, esta foi categorizada consoante a sua frequência e a tomada de iniciativa para o ato. Neste sentido, a frequência do ato sexual varia entre quem assume que tem relações sexuais todos os dias (*(...) ontem à noite foi uma, hoje de manhã já foi outra!* - E18), até àquelas que afirmam fazê-lo algumas vezes por semana (*(...) duas ou três vezes por semana* - E19). Assim, percebemos que, no que toca à componente sexual, o ato sexual está tão presente quanto nos casais não envolvidos no comércio do sexo, se compararmos com os valores considerados normativos de acordo com Rubia, num estudo efetuado em 2011.

No que toca à iniciativa do ato sexual, esta subcategoria foi dividida em dois tópicos: quem a tomava e os fatores que a motivavam. Assim, onze mulheres afirmam que a iniciativa

²Como atribuímos uma numeração às mulheres entrevistadas antes da exclusão de uma participante, atingimos o número 21 que é superior ao número de entrevistas válidas.

para o ato sexual está dividida entre ambos (*Eu... ele... é os dois. São os dois!* – E2), três referem que o ato sexual se concretiza graças ao facto de estas serem as impulsionadoras da situação (*É uma vez por semana e eu tenho que procurar.* – E12) e seis relatam que o parceiro é o impulsionador do momento (*É mais ele.* – E20). Os fatores enumerados para a tomada de iniciativa são tanto de natureza biológica ((...) *Há uma fase do mês, eu não sei se estou na ovulação ou o quer que seja, que me aumenta muito o meu apetite sexual* - E8), como contextual (*Às vezes estou eu na cozinha, ele vai lá, dá-me beijinho e «Vem para cama», essas coisas.* - E7). Assim, analisando que tanto a trabalhadora do sexo como o seu companheiro tomam a iniciativa para o ato sexual, podemos concluir que ambos se procuram envolver sexualmente com o outro.

No que concerne ao prazer sexual nas relações de intimidade, quase todas as mulheres entrevistadas (n=19) assumem que têm prazer sexual na sua relação de intimidade. Porém, existem casos de mulheres que afirmam que o seu prazer sexual fica aquém do que gostariam, para se sentirem sexualmente satisfeitas, nas suas relações íntimas. Apenas uma mulher refere que o prazer sexual que obtém é resultado do envolvimento com os clientes e não com o seu parceiro, pelo que esta mulher vê a sua necessidade sexual satisfeita em contexto profissional (*Aonde eu me consolo que, falo mesmo português correto, não é? (...). É no meu trabalho, quando aparece alguém que eu veja que é... (...) por exemplo, ainda ontem aconteceu uma, eu fui com o cliente e olha e a coisa aconteceu e foi bem bom* - E4).

O prazer sexual destas mulheres está associado tanto à sua vontade sexual (*É, a vontade surge, surge, surge e muito.* - E5), como ao desejo de satisfazer sexualmente o companheiro, porque se sentem na obrigação moral de o fazer, situação que é apresentada por algumas mulheres. Primeiramente, vamos discutir o caso excecional de uma mulher que é vítima de violência doméstica por parte do companheiro. Como consequência, esta mulher afirma que o prazer que sente com o marido não é bom (*Já não é especial* - E6) e respondeu afirmativamente à questão sobre se acaba por, às vezes, fazer sexo com ele só para lhe dar prazer e para o acalmar. A partir deste discurso, e tendo em conta que estamos perante uma situação de violência doméstica, podemos colocar a hipótese de que as razões que levam esta mulher a envolver-se sexualmente com o marido ou estão associadas ao medo que a vítima sente pelo agressor, ou a um sentimento de obrigação moral para o satisfazer. Contudo, os resultados obtidos não nos permitem identificar qual o sentimento presente. Tendo isto tudo em conta, podemos colocar a

hipótese de que a única razão pela qual esta mulher ainda obtém prazer é devido ao facto de se sujeitar a envolver-se sexualmente com o companheiro, de modo a evitar conflito na relação. É importante salientar que o modo como esta trabalhadora do sexo descreve o ato sexual com o marido é idêntico à descrição de algumas profissionais em relação ao sexo em contexto comercial: mecânico, sem significado e isento de sentimentos (*O prazer que tenho com o meu marido é mecânico. (...) Já não é especial. (...) Não há carinho, não há paixão.* - E6).

A situação da trabalhadora do sexo descrita acima é um caso excepcional, que não pode ser comparado com as outras relações, visto que a violência doméstica coloca outras questões relacionadas com a dinâmica da relação. Contudo, relativamente ao sentimento de obrigação moral de satisfazer sexualmente o companheiro, a partir dos discursos de algumas mulheres, concluímos que este está presente e depende da qualidade do relacionamento. Quando a relação envolve uma reciprocidade de sentimentos positivos, algumas mulheres sentem que têm este *dever* (*(...) porque às vezes apetece-lhe a ele, não é? Não me custa fazer vontade, não é?* - E20). O discurso destas mulheres é significativo, pois corrobora a tradicional atitude submissa das mulheres na sociedade, que se sujeitam a situações não desejadas somente para agradar ao homem. O sexo feminino de acordo com Fagundez e Fagundez (2017), é objeto de dominação desde os primórdios da civilização ocidental. Esta autora e este autor defendem que, cultural e socialmente, os corpos das mulheres são vistos como instrumentos de reprodução, ornamentos em festividades e instrumentos de prazer. De facto, o estudo de Manago e Mize (2018) foca-se no modo como comportamentos semelhantes entre mulheres e homens estão sujeitos a modos diferentes de categorização. Ora, estes padrões duplos têm origem no facto de a sexualidade feminina e masculina serem observadas e analisadas através de uma caracterização distinta. De facto, a sexualidade feminina está ligada aos ideais de castidade, submissão, emoção e passividade, enquanto que a masculina se associa à ação, dominação e insaciabilidade (Sacramento, 2005 citado em Oliveira, 2008). Assumindo este ponto de vista, o propósito das mulheres é garantir a satisfação do sexo masculino, tendo um papel submisso em prol do homem. Ora, o que é compreendido como real no espaço social depende do que foi constituído e internalizado no espaço simbólico dos indivíduos (Silva, 2014). Por outras palavras, no momento em que as mulheres internalizam o seu estatuto submisso numa relação heterossexual, esta visão será adotada por toda a sociedade onde ela se insere. Assim, como não há uma igualdade na construção dos indivíduos enquanto ser social, também não se tem a mesma

paridade na construção da percepção da realidade. (Silva, 2014). Neste sentido, o sexo da mulher é de facto socialmente constituído como um objeto sagrado, submisso (Bourdieu, 1994), pelo que estas mulheres acreditam que o seu corpo deve suportar, como respeito e lealdade ao companheiro, a vontade sexual do homem, de modo a garantir o seu bem-estar.

No que toca à obtenção do prazer sexual, estas mulheres têm não só a capacidade de o obter como também de atingir o orgasmo (*Claro, muitas vezes, então já.* – E1). Porém, as entrevistadas apresentam dificuldades em obter esse prazer, que estão relacionadas diretamente com o contexto em que se encontram aquando do ato sexual (*Não há clima.* - E4). Por outras palavras, tanto o local em que o ato sexual ocorre, como a pessoa com quem se estão a envolver, não sendo agradáveis para estas mulheres, podem dificultar o prazer durante o ato sexual comercial. Através do discurso destas entrevistadas podemos concluir que a ausência de prazer sexual também pode estar associada ao facto de não se concentrarem no ato sexual, o que impede a obtenção do orgasmo, visto que a atenção da mulher é imprescindível para tal (Cuntim & Nobre, 2011). Assim, se não estiver concentrada no ato sexual, o prazer será mais difícil de obter (*A mulher se ela realmente não [es]tiver afim, não acontece.* - E7).

Das vinte mulheres que foram entrevistadas, dezassete afirmam estar sexualmente satisfeitas nas relações, pelo que apenas três relatam não estar sexualmente satisfeitas nas suas vidas. Nas situações em que o prazer sexual não está presente do modo como as mulheres entrevistadas o desejam, os motivos enumerados são atribuídos ao companheiro ou autoatribuídos.

Por um lado, quando os motivos para a ausência do prazer sexual são atribuídos ao companheiro, estes variam entre a sua ausência de competência (*É assim olhe, também não é um homem que perceba de sexo chega ali tuc tuc já está. (...) É um homem muito rápido e não sabe fazer amor.* - E4) e a vontade sexual dele (*O sexo é pouco, o meu marido não é muito de sexo.* - E12). Nestes casos, a mulher procura satisfazer-se em contexto profissional, usando os clientes para seu próprio proveito, compensando aquilo que não obtém na sua relação privada. Por outro lado, as quatro mulheres que se *culpabilizaram* da fraca componente sexual justificaram-na através das suas trajetórias de vida, que impossibilitaram a conceção do sexo como algo prazeroso (*Eu tenho também a minha história de vida, não é? Coisas que deixaram sequelas, para mim, que faz com que eu não gosto de sexo.* - E2); devido à dinâmica da relação que não permite um bom ambiente para o aproveitamento sexual (*Tem muito a atitude de «eu é*

*que sei» e como eu também sou um bocado assim, chocamos imenso. - E6); devido à falta de atração sexual sentida pelo companheiro, estando ausente a vontade de obter prazer sexual com este, neste caso, com a companheira ((...)é ela que vem atrás de mim e eu não sinto mais. - E14); ou devido à sua condição física que impede esta mulher de obter o prazer sexual que ela deseja (*Tenho medicação, tenho isso tudo, comprimido que eu já não... esquece. - E20*), sendo que, neste caso, a mulher referiu que antes de lhe ter sido feito o diagnóstico da doença que tem era ela quem tomava a iniciativa para o ato sexual (*Dantes era... até chateava eu. (...) Agora, desde que tive esse problema de saúde não. - E20*). Três destas quatro mulheres (E2, E6 e E20) confessaram que o prazer sexual, tendo em conta as suas vidas, não seria uma prioridade, não sendo esse um fator determinante para o seu bem-estar na relação.*

Tendo isto tudo em conta, é interessante perceber que as mulheres que não estão sexualmente satisfeitas em contexto privado garantem a sua própria satisfação através da masturbação (*Até tenho um vibrador, até dois! - E1*) ou no próprio trabalho, em contexto comercial ((...)ainda noutro dia «Ah podia-me aparecer aqui um clientezito» e não aconteceu. *Ontem, aconteceu! Foi bom, prontos. - E4*), servindo-se dos clientes para tal. Assim, podemos concluir que estas mulheres gerem o seu prazer sexual, definindo com quem o desejam obter.

2. O prazer sexual ou a sua ausência em contexto comercial

2.1. O prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial

Relativamente à presença do prazer sexual nas relações comerciais, esta é motivada pela satisfação de uma necessidade sexual por parte da mulher (*Às vezes faço com que aconteça. Não quer dizer que ame menos o meu marido. Às vezes, apetece. - E15*) ou é consequência do seu surgimento involuntário, durante o trabalho. A partir dos resultados obtidos neste segundo grupo de mulheres, podemos concluir que cinco entrevistadas demonstram um sentimento de culpa ao assumirem o sexo em contexto comercial como prazeroso (*Prontos, claro, não é muito normal... não havia... sei lá, não havia de ser, não é, mas prontos. - E1*), indo ao encontro dos resultados de Chonody et al. (2015). Através destes discursos chegámos à conclusão que estas mulheres sentem que estão a trair os seus companheiros se obtiverem prazer com os clientes (*Tanto eu como ela não atende mulheres nem casais, porque para nós é uma forma de trair, entendeu? Porque não vai rolar ali só o profissional. Você vai ter um certo prazer. - E14*)

Tendo em conta a presença deste prazer no envolvimento com os clientes, as mulheres que não se sentem culpadas por obterem prazer com estes, conseguem aproveitar-se da situação, ((...) *se a gente quiser, até deixo ir.* - E4). É importante salientar que as mulheres que se satisfazem sexualmente em contexto profissional são as mesmas que não estão sexualmente satisfeitas na sua relação íntima. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Barreto (2008 citado em Corrêa & Holanda, 2012), em que as mulheres assumem o sexo com os clientes como fonte de prazer, compensando realidades que não conseguem obter fora da profissão. Como consequência, sete mulheres relatam que o prazer acaba por surgir involuntariamente durante o ato sexual comercial, i.e., estas mulheres não têm intenção de ter prazer com os clientes, mas como não estão sexualmente satisfeitas na globalidade, esta necessidade surge em contexto profissional.

Tendo isto tudo em conta, é importante salientar que quando há uma necessidade sexual, as trabalhadoras do sexo determinam a sua obtenção de prazer, tendo-o, se for necessário e assim o desejarem, em ambos os contextos. Portanto, podemos concluir que de uma maneira ou de outra, seja em casa ou no trabalho, elas atingem a satisfação sexual.

2.2. A ausência de prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial

As onze trabalhadoras do sexo que nunca experienciaram prazer sexual nas suas relações comerciais dividem-se entre as mulheres que decidem, por si, não obter esse prazer por considerarem o contexto inadequado para tal, e as mulheres que, por não percecionarem o sexo nesse contexto como algo passível de ser prazeroso, não conseguem sentir qualquer prazer.

A autodeterminação do primeiro grupo de mulheres permite-lhes controlar e reprimir o surgimento do seu prazer sexual. Assim, decidem fazê-lo, pois assumem que desfrutar do ato sexual comercial não vale a pena, tendo em conta o valor da transação (*Pois claro! 10€ também, fogo, já viu? Mas eles «Ah a tua amiga faz» (...) Ó senhor, mas cada uma faz... cada uma tem os seus limites.* - E1). São este tipo de estratégias que, segundo o estudo de Pyett e Warr (1999), as mulheres envolvidas no comércio do sexo adotam no seu contexto de trabalho, de modo a serem capazes de se distanciarem da forma como o corpo é usado na prostituição (*Muitos param aqui: «Ah, mas é só chupar, é só na boca». Acha que eu vou colocar a minha boca?! - E5*). Aquilo que se perceciona através do discurso das entrevistadas é o facto de que sentir prazer por algo que é tão fácil de obter pelo cliente é estar a *dar* demasiado de si naquele momento. Além disso, a diferenciação dos clientes, nomeadamente no que toca aos limites do envolvimento

sexual, mostra que mesmo dentro do serviço prestado, estas mulheres definem aquilo que querem fazer e com quem o querem fazer, avaliando os prós e os contras de cada situação em específico (*Existe clientes com o qual tenho relação sexual? Tenho, dois ou três clientes. Só com eles, porque o preço justifica, porque já me conheceram dessa forma.* - E8).

Por um lado, algumas mulheres consideram que o ato sexual comercial não é um contexto adequado para obtenção de prazer. Indo ao encontro do estudo de Allen et al. (1996) e através dos discursos das entrevistadas, concluímos que estas profissionais dissociam o seu corpo físico durante as horas de trabalho, pois desenvolvem mecanismos para dissipar o pensamento ou distrair a mente durante esses momentos, que lhes permitem reprimir esse prazer. Assim, mesmo que a vontade sexual surja, estas mulheres reprimem-na porque os seus princípios éticos defendem que aquele ato não deve ser desfrutado. De facto, estes discursos vão ao encontro do estudo de Chonody et al. (2015), pois estas mulheres conseguem obter orgasmos nas suas relações privadas, mas escolhem não o obter com clientes, pois veem o sexo em contexto comercial como algo mecânico (*(...) isso aqui é uma coisa mecânica. Aparece, tem um cliente, outro.* - E7).

Por outro lado, as mulheres que não veem o contexto comercial como um momento para obter prazer sexual, sendo este inexistente, apresentam barreiras de separação bem delineadas entre a vida privada e a vida profissional (*Eu não obtenho prazer sexual no meu trabalho. Eu faço... aquilo que tem de fazer. Aquilo que tenho que fazer. Eu sei separar a mulher, não é? Tanto com o ambiente de trabalho eu separo, do trabalho com a vida pessoal. Com ele [companheiro], sim eu tenho.* - E2). Além disso, através do discurso das entrevistadas, podemos concluir que o ato sexual em contexto comercial é apenas um serviço (*Não, isto é tipo, é como vender rifas. Eles dão o dinheiro e eu faço o serviço. Isto é... não... nem se pensa por aí.* - E21), que em nada se assemelha ao ato sexual em contexto íntimo. Como Oliveira (2002) demonstra no seu estudo, ao contrário do ato sexual em contexto privado, o ato sexual comercial que tem um significado sexual para o cliente, tem um sentido unicamente económico para a mulher que é paga. Assim, o único prazer que estas mulheres retiram deste ato é o valor da transação (*Aqui é só, o prazer é para a carteira.* - E18). Além disso, existem certas mulheres que expressam sentimentos negativos por alguns clientes, traduzindo-se nos seus discursos por repúdio e nojo pelos mesmos (*Tenho ali água e sabão, não consigo me imaginar se eu não for lá e me lavar,*

passar algo pelas mãos - E5), pelo que a ideia de obter prazer sexual com estes homens é impensável (*Mas, aqui não há nada assim de... sentir prazer, nada, nada mesmo.* - E5).

3. A utilização do preservativo em relações privadas e comerciais: motivos e distanciamento emocional

Tendo em consideração o estudo de Sanders (2002), as trabalhadoras do sexo conseguem controlar o significado do sexo e dividir a sua sexualidade, tendo sempre em conta o contexto em questão. Neste sentido, todas as mulheres entrevistadas, sem qualquer exceção, usam preservativo nas relações comerciais (*Nem para bater punhetas, que eu não vou sujar minhas mãos!* - E17). Apenas uma mulher afirmou que de vez em quando facilitava a sua utilização, neste contexto, por necessidade financeira, visto que a não utilização deste método contraceutivo é um fator motivador para o aumento do número de clientes (*(...) eu como tenho um filho desempregado, um filho doente, e eu ganho pouco eu às vezes vou sem preservativo.* - E4). É importante salientar que, no caso desta mulher, estas exceções aplicam-se somente a clientes que já desenvolveram anteriormente uma relação próxima com esta profissional, o que lhes possibilita uma maior margem de manobra para negociar a não utilização do preservativo. (*Eu pego, vou sem preservativo, se for cliente certo, cliente conhecido e assim. Agora os rapazes novos, eu meto preservativo.* - E4). Esta seleção vai ao encontro do estudo de Amaro et al. (2015), pois as conexões sociais e emocionais entre o cliente e a trabalhadora do sexo é o que permite o consenso da não utilização do preservativo.

Por um lado, no que toca ao uso do preservativo nas relações privadas, entre as vinte mulheres entrevistadas, apenas duas utilizam sempre o preservativo neste contexto, ou devido a questões de saúde (*Eu ganho muitas infeções [sorri]. E depois se eu ganhar muitas infeções não posso ir trabalhar.* - E21), ou devido ao sentimento de desconfiança por parte da trabalhadora do sexo em relação ao companheiro (*Porque ele também é muito putanheiro e não sei se ele lá vai às catraias.* - E9), não querendo colocar a sua vida em risco. Somente uma mulher afirma que prefere usar este método contraceutivo com o seu namorado, por não se sentir confortável em contacto com o esperma (*(...) eu não gosto muito de... do... de sentir o... líquido de de... (...) Tenho... asco... tenho um certo pânico que não gosto.* - E5), mas a ausência do preservativo não impede o ato sexual, se a ocasião e a vontade surgirem. Porém, contrariando os resultados do

estudo de Sanders (2002), através do discurso destas mulheres podemos concluir que a utilização do preservativo em contexto íntimo nunca está dependente de uma conotação negativa. De facto, quando a trabalhadora do sexo decide utilizar este método contraceptivo no ato sexual com o seu companheiro, a sua utilização não cria um mau ambiente entre os envolvidos. Assim, ambos decidem usá-lo por razões diversas, que não impedem a satisfação, prazer e bem-estar durante o ato sexual.

Por outro lado, e indo ao encontro do estudo de Fang et al. (2008), as restantes dezassete mulheres que não usam preservativo nas suas relações privadas justificam-no através da confiança que nutrem pelo companheiro (*Eu acho que isso até está presente a confiança, tanto dele quanto minha.* - E17). É de salientar que este sentimento é recíproco nas relações de intimidade, visto que todas responderam negativamente em relação à exigência do preservativo por parte do companheiro, indo estes resultados contra as conclusões do estudo de Vanwesenbeeck (2001), pelo que não está presente a visão da mulher prostituta como “suja” por parte dos companheiros. Segundo o estudo de Amaro et al. (2014), numa relação íntima, os envolvidos percebem os benefícios sociais do sexo desprotegido, privilegiando e mantendo a relação baseada na abertura emocional, confiança e segurança no outro. Assim, como estas mulheres têm confiança na pessoa com quem partilham elevados níveis de intimidade, os homens envolvidos nestas relações demonstram confiança na mulher a seu lado, independentemente da sua atividade profissional.

Percecionar o preservativo como uma barreira psicológica é uma visão que pode ser adotada tanto pelo cliente como pela profissional. De facto, sete mulheres afirmam que o preservativo é percecionado como uma barreira para os clientes, pois este relembra-os da natureza do ato sexual em que estão envolvidos naquele instante. Como o cliente está acostumado a uma vida sexual baseada na confiança e segurança da sua própria relação conjugal, visto que a maioria dos clientes das entrevistadas é casado ou está envolvido numa relação íntima, a colocação do preservativo é um *lembrete* de que o ato sexual com a profissional é um serviço incluído na transação entre ambos (*Vou falar pelos clientes. Emocionalmente, para eles, seria complicado no sentido que poderiam achar que havia algo mais.* - E6). No caso de serem as trabalhadoras do sexo a contemplar esta conceção do preservativo como uma barreira psicológica, os discursos das mesmas permitem-nos concluir que este serve como um impedimento de uma intimidade não desejada (*(...) repare, quando alguém tem uma relação*

comigo está a entrar dentro do meu corpo. Eu considero que com o preservativo entra, mas não totalmente, há ali um certo distanciamento. - E8). Neste sentido, o preservativo torna aquele ato sexual mais impessoal e distante (*Ai eu acho que torna um pouco impessoal.* - E19), ajudando a trabalhadora do sexo a limitar o ato sexual ao contexto de trabalho. Indo ao encontro do estudo de Ditmore e Rockwell (2009), o preservativo passa a ganhar um estatuto de barreira contra uma ligação emocional não desejada (*(...) a pessoa nunca obtém de mim nada para além do seu próprio prazer, porque para mim há ali aquela barreira.* - E8) e associa a sua não utilização a um sinal de amor e confiança, como acontece nas suas relações de intimidade.

Contudo, tanto uma visão como outra apenas foi percecionada e discutida com onze das mulheres entrevistadas, visto que para as restantes nove percecionar o preservativo como uma barreira psicológica era algo incompreensível, impensável e até ridículo porque, segundo elas, as mulheres que se envolvem na prostituição devem ter consciência dos perigos que ela implica (*Têm que ter noção que isto é uma badalhoquite* - E15). Por outras palavras, para estas mulheres, a utilização do preservativo já é algo tão intrínseco na rotina profissional, que pensar nele como um *ajudante* para lidar com a conciliação entre a vida privada e a vida profissional é inútil. (*E se uma pessoa não tiver a capacidade de criar isso na cabeça, ao envolver-se com o cliente o preservativo acho que é só um mero... sei lá, detalhe?* - E21). Mesmo assim, apesar da maioria das mulheres entrevistadas não percecionar o preservativo como uma barreira, os discursos de duas das mulheres que olham para o preservativo dessa forma vão ao encontro dos resultados do estudo de Vanwesenbeeck (2001), simbolizando o distanciamento e o caráter profissional do sexo para ambas. (*(...)é como se fosse uma barreira mesmo. Que não deixasse, entendeu? Aquela intimidade ali, penso, estou falando por mim!* - E19).

Apesar da fundamentação teórica de Pyett e Warr (1999), Allen et al. (1996) e Sanders (2002, 2004) acerca das estratégias de proteção do “Eu” da trabalhadora do sexo, os resultados desta investigação mostram-nos que existe um hiato acerca da importância de construção de mecanismos de controlo emocional por parte dos clientes. Por outras palavras, como as autoras e os autores suprarreferidos concluem que o preservativo funciona como um mecanismo de defesa da trabalhadora do sexo para lidar com a sua profissão, não conseguimos encontrar estratégias idênticas por parte do cliente para a proteção do seu “Eu”. Ora, tal lacuna leva a que em diversas situações os clientes não consigam observar o ato sexual comercial como meramente profissional e emocionalmente distanciado, como será de seguida apresentado. No

caso da entrevistada E6, esta afirmou que quando se envolveu intimamente com um cliente, a fase de rompimento dessa relação foi muito difícil de lidar (*Conheci-o como cliente (...) ele começou a vir várias vezes, até fora do horário e pagava-me na mesma.* - E6). Este homem acabou por não deixar a profissional, tendo vandalizado o seu automóvel, porque esta quebrou o contacto com ele, contra a sua vontade. Segundo os estudos de Pottle (2009), os clientes são capazes de desenvolver um sentimento de necessidade e, por vezes, fazem tudo para estar com estas profissionais. Além disso, na investigação de Amaro et al. (2014), os autores questionavam a possibilidade de haver uma abertura emocional quando o relacionamento fosse construído com propósitos financeiros. Ora, tal pode ser comprovado através do discurso de uma das entrevistadas que afirma que além do serviço sexual que oferece, os clientes têm a necessidade de conversar e partilhar os seus problemas da vida quotidiana com a profissional (*Então às vezes uma pessoa está aqui, não é, aí ele acaba e quer sentar para conversar um bocado.* - E7). É importante salientar o modo como alguns clientes se expõem a estas mulheres em momentos de conversa que eles próprios estabelecem a seguir ao ato sexual (*(...) acaba-se aquele trabalho e a pessoa senta e começa «Ah porque a minha mulher não está bem em casa». Você vira meio que guarda aquilo tudo para ti.* - E7). Portanto, a mulher como prostituta não só age como profissional do sexo, mas também vai ao encontro de outras necessidades do cliente, adotando uma postura de escuta atenta (*E você tem que escutar.* - E7) e compreensão empática (*E vir-me falar disso é porque realmente está precisando de desabafar.* - E7).

Análise integrativa e crítica dos discursos das trabalhadoras do sexo envolvidas numa relação de intimidade

Neste capítulo iremos recolher as principais conclusões desta investigação e proceder a uma análise integradora e crítica dos discursos das trabalhadoras do sexo, envolvidas numa relação de intimidade, fora do contexto comercial.

Os relatos das trabalhadoras do sexo tendo em conta as suas relações de intimidade remetem para um grande cuidado em manter a qualidade dos seus relacionamentos, enfatizando a importância dos mesmos na sua vida pessoal. Independentemente da natureza da relação (namoro, casamento, união de facto, etc.), o significado que estas mulheres lhes atribuem é comum a todas, pelo que os discursos acerca do envolvimento afetivo e sexual com os companheiros refletem o perfil da relação como uma fonte de segurança e felicidade. A confiança, companheirismo e apoio que transmitem aos seus companheiros apenas reflete o modo como uma relação de intimidade as influencia positivamente. Como consequência, a maioria das mulheres afirma sentir-se feliz na relação que mantém com o companheiro, não só porque este consegue proporcionar-lhe uma boa qualidade de vida, como também lhes permite desenvolver uma relação íntima saudável e gratificante. Contudo, algumas mulheres admitem que se pudessem mudariam certos aspetos na relação, mas nenhum é diretamente associado ao facto de serem trabalhadoras do sexo, pelo que se pode concluir que a qualidade da relação íntima não depende diretamente da atividade profissional destas mulheres. Desta forma, o facto de a maioria dos companheiros ter conhecimento da atividade profissional demonstra que estas mulheres confiam nos companheiros para se exporem na sua totalidade, pois sabem que o facto desta informação estar presente não influencia o bem-estar e a qualidade do relacionamento.

Além disso, através dos discursos da maioria das entrevistadas em que o companheiro tem conhecimento da sua atividade profissional, pode concluir-se que os homens com quem partilham uma relação íntima as apoiam de forma inequívoca quanto à sua profissão, afirmando que esta pouco ou nada influencia a qualidade do relacionamento afetivo e sexual. Ao contrário dos resultados obtidos no estudo de Bellhouse et al. (2015) e Bernstein (2007), nos discursos das entrevistadas não foram encontradas associações entre a qualidade da vida sexual privada e o trabalho, no que respeita à melhoria da primeira como consequência da qualidade da segunda.

Por outras palavras, não foram encontrados resultados que comprovassem um aumento da autoestima e confiança das trabalhadoras do sexo devido à procura constante das mesmas por parte dos clientes. No entanto, chegámos à conclusão que os nossos resultados vão ao encontro do estudo de Barreto (2008 citado em Corrêa & Holanda, 2012), pois o sexo com os clientes é muito importante como fonte de prazer, quando estas mulheres não são capazes de o obter fora do contexto profissional, isto é, nas relações privadas. Assim, as trabalhadoras do sexo que não se sentem sexualmente satisfeitas nas suas relações de intimidade, usam o contexto profissional para atingir este objetivo.

Relativamente à dinâmica das relações íntimas das trabalhadoras do sexo, os envolvidos tentam combater a rotina dos relacionamentos monogâmicos hétero ou homossexuais com atividades românticas e que quebrem o dia-a-dia comum da relação (*Saimos para jantar ou no meio do caminho, ou quando voltamos, paramos por algum parque, alguma coisa, sempre coisinhas... coisas fora do dia a dia.* - E5). Esta conclusão vai ao encontro do estudo de Oliveira (2011), visto que as relações entre trabalhadoras do sexo e seus companheiros em nada se distinguem das pessoas que não estão envolvidas neste comércio, não havendo nada que os impeça de viverem uma relação amorosa autêntica.

Relativamente à necessidade de obtenção de prazer sexual, ao longo dos discursos das trabalhadoras do sexo que entrevistámos, chegámos à conclusão que o prazer sexual nesta população não só está presente, como é procurado. Como afirma Kontula (2008), a sexualidade de uma profissional do sexo é tão heterogênea, como a de qualquer outra mulher que trabalhe fora deste ramo, sendo que o prazer sexual é influenciado por vários fatores. A maioria das mulheres relata que o prazer é mais fácil de obter em contexto íntimo do que em contexto comercial, pois nutrem sentimentos de afeto, amor e carinho pela pessoa com quem se estão a envolver sexualmente. Além disso, para uma mulher poder desfrutar do sexo, o ambiente físico e circunstancial em que este ocorre tem de ser agradável para quem o procura.

Assim, o ambiente e o momento em que o ato sexual se desenrola tem necessariamente de ser agradável e satisfatório para a mulher, se o seu objetivo for a obtenção de prazer sexual. Contudo, quando a dinâmica da relação de intimidade não corresponde ao desejado pela trabalhadora do sexo, esta não sente vontade de obter prazer com o parceiro, procurando-o, deste modo, noutro lugar. Aquilo que concluímos a partir dos resultados é que as mulheres que não estão sexualmente satisfeitas na sua relação íntima acabam por se satisfazer sozinhas ou em

contexto profissional, desde que considerem esta circunstância como também apropriada para obter prazer sexual. Neste sentido, estas mulheres relatam que o sexo, tanto comercial como privado, é possível de ser desfrutável, se a ocasião assim o sugerir. Tendo isto tudo em conta, podemos afirmar que, para estas mulheres, o prazer sexual é uma necessidade biológica tão necessária quanto comer ou dormir, pelo que mesmo quando não está presente em contexto íntimo, a mulher procura-o na sua profissão. Além disso, aquilo que observámos foi que mesmo que a mulher não procure o prazer no trabalho, mas a sua necessidade não esteja completamente satisfeita, esta surge durante o ato sexual com os clientes. De facto, as mulheres que consideram o contexto comercial como inapropriado para obtenção de prazer sexual afirmam que estão sexualmente satisfeitas na relação íntima, pelo que podemos concluir que este princípio pode ser consequência de uma satisfação sexual total na relação privada, pelo que nem consideram a possibilidade de obter prazer em contexto profissional. Assim, é importante salientar que a maioria das mulheres está sexualmente satisfeita com os seus companheiros, mas quando esta situação não se aplica, a vontade sexual é procurada no contexto comercial. Deste modo, as mulheres que não obtêm prazer suficiente por parte dos seus parceiros, aproveitam os clientes para desfrutar da sua sexualidade. Além de mais, é importante salientar que a ausência do prazer sexual na relação íntima não está diretamente associada à profissão da trabalhadora do sexo. Tendo isto tudo em conta, é importante perceber que estas mulheres estimam muito a relação que têm, bem como o homem ou mulher com quem a partilham, havendo sempre uma preocupação em satisfazê-lo ou satisfazê-la sexualmente. Isto pode concluir-se através do modo como algumas mulheres sentem a obrigação moral de satisfazer o companheiro e fingem o próprio prazer em torno deste objetivo. Fingir o orgasmo sempre foi e é associado ao sexo feminino, pois é um fenómeno que reflete a submissão da mulher ao homem, que apenas se sente bem e realizado quando consegue fazer com que a mulher atinja o orgasmo. Esta ideia está tão enraizada que as próprias mulheres interiorizam este pensamento e uma relação sexual em que os dois participantes não obtenham o orgasmo, não é considerada bem-sucedida. De facto, este fenómeno não ocorre só neste grupo em específico, mas em muitas mulheres fora do comércio do sexo, pelo que seria interessante refletir sobre o fundamento por detrás desta forma feminina de agir.

Mesmo havendo uma necessidade biológica, estas mulheres conseguem determinar em que situações pretendem obter prazer, permitindo-o ou bloqueando-o, fazendo, assim, uma

diferenciação dependendo do contexto em que se encontram. Por um lado, algumas mulheres olham para o prazer sexual como algo necessário de satisfazer, portanto, quando este surge involuntariamente durante o ato sexual comercial, estas deixam-se levar pela necessidade que sentem de obter esse mesmo prazer. Por outro lado, certas mulheres consideram que o prazer em contexto comercial é uma forma de traição da confiança do companheiro e exposição em demasia do “Eu”. Por outras palavras, estas mulheres afirmam que obter prazer de um ato sexual comercial é não só expor a mulher que elas realmente são, e não a personagem que incorporam durante as horas de trabalho, como também trair a relação que têm com o companheiro. Assim, são capazes de desenvolver estratégias mentais para reprimir essa necessidade, controlando-a como sinal de fidelidade ao seu companheiro e ao seu “Eu” privado. Segundo as palavras destas mulheres, o prazer sexual em contexto íntimo é uma demonstração não só de confiança e carinho pelo outro, como também de exposição máxima da própria pessoa. Em suma, verificamos que, mesmo sentindo vontade de obter prazer sexual, as mulheres que o identificam como não apropriado para contexto comercial têm a capacidade de o reprimir e controlar de acordo com a sua vontade.

Relativamente à separação entre as relações sexuais privadas e comerciais, as trabalhadoras do sexo demarcam-na através de limites definidos. No que toca à diferenciação entre cliente e namorado, a linha é tão bem traçada, que mesmo havendo emoções envolvidas entre a trabalhadora do sexo e o cliente, a transação monetária mantém-se enquanto este tiver o estatuto de comprador. É verdade que mais de metade das mulheres está envolvida numa relação íntima com alguém que começou por ser seu cliente e esta definição do parceiro manteve-se até ao momento em que este deixou de pagar pelos serviços da profissional. O que é relatado por estas mulheres é que apesar de todo o envolvimento íntimo que elas pudessem estar a sentir com o cliente, foi só no momento em que um ou outro decidiu definir a relação como algo mais do que profissional-cliente que a transação deixou de existir. Portanto, mesmo percecionando um cliente como alguém para desfrutar do prazer sexual, como alguém amigo ou como alguém íntimo, essa relação manter-se-ia baseada em propósitos financeiros e circunscrita aos limites profissionais da trabalhadora do sexo até que os envolvidos decidissem alterar a natureza da mesma. Nesse momento, a trabalhadora do sexo define que aquele homem pode ter com ela relações sexuais não de uma forma profissional, mas íntima e, conseqüentemente, isento de transação e de quaisquer limites impostos no trabalho.

Relativamente às motivações associadas ao uso do preservativo, estas variam consoante o contexto em questão. Efetivamente, este método contraceptivo está sempre presente em contexto comercial, pois a unanimidade das mulheres tem conhecimento da sua eficácia contra a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, é pertinente referir que a sua utilização se mantém com os clientes mais íntimos da profissional e este uso permanece até que a relação entre ambos deixe de ser concebida por propósitos financeiros. Por outras palavras, os clientes só deixam de usar o preservativo no ato sexual com as trabalhadoras do sexo no momento em que ambos decidem alterar a natureza da relação para algo fora do contexto comercial.

Por um lado, a perceção deste método contraceptivo como uma barreira psicológica que permite o distanciamento emocional é adotada por duas mulheres que admitem que o seu uso as permite envolver-se sexualmente com alguém por quem não nutrem sentimentos fortes, sem risco de afetar a sua mente. No entanto, esta perceção não foi maioritariamente observada, pelo que muitas mulheres discordam acerca deste propósito. Para este grupo, olhar para o preservativo como algo que as ajuda a distinguir o sexo comercial do sexo íntimo é inútil. Ser trabalhadora do sexo acarreta uma regulação emocional que não é dependente do uso do preservativo. Exige muito mais do que percecionar um invólucro de borracha como uma *muralha*, um *escudo*. Exige estratégias e mecanismos de regulação e controlo emocional que podem ser equiparadas a todas as áreas de trabalho que impliquem um vínculo forte com o outro. Profissões da área da saúde mental ou das artes dramáticas implicam, muitas vezes, um envolvimento íntimo forjado com o outro, que não é verdadeiro, mas que deve ser percecionado como tal. Assim, no que concerne aos processos de distanciamento emocional e profissional, o trabalho sexual em nada difere de uma psicóloga ou uma atriz, que incorpora um papel durante as horas de trabalho. Em suma, tendo em conta as duas questões colocadas no primeiro capítulo desta investigação, e com base no que foi relatado nos discursos das entrevistadas, podemos concluir que ser trabalhadora do sexo é um desafio, que poderá ser equiparável, em termos emocionais, às outras profissões suprarreferidas. Além disso, a necessidade de criação de estratégias de regulação emocional associadas à profissão não justifica a contínua discriminação dirigida a quem vende e compra sexo, visto que o trabalho sexual é a única ocupação profissional das acima referidas que continua a ser estigmatizada.

Por outro lado, muitas mulheres afirmam que a perceção do preservativo como uma

barreira para lembrar o contexto do ato sexual funciona principalmente no sentido inverso. Por outras palavras, estas mulheres garantem que, para os clientes, o preservativo é um método essencial para aquele ato sexual ser percecionado como um serviço, e não uma manifestação de intimidade. Esta perspetiva é baseada no facto que muitos dos clientes das entrevistadas são casados ou estão envolvidos numa relação íntima, pelo que a utilização do preservativo nas suas vidas é reduzida. Assim, no momento em que as trabalhadoras do sexo exigem o uso deste método contraceptivo, o *mindset* dos clientes altera-se para uma visão do ato sexual prestes a acontecer como desprovido de intimidade. Quando falamos acerca de mecanismos de defesa, assumimos que estes apenas são aplicáveis e necessários às profissionais do sexo, mas através destes resultados podemos concluir que ser cliente também implica a construção de barreiras emocionais aquando do contacto com o comércio do sexo. Assim, algumas mulheres relatam que os clientes sentem a necessidade de conversar ou desabafar sobre a sua rotina diária, pelo que a trabalhadora do sexo acaba por incluir nos seus serviços uma tarefa não apenas sexual, mas também de apoio psicológico. Portanto, o trabalho emocional e as estratégias de separação entre a relação privada e a comercial são igualmente fundamentais para ambos os envolvidos.

Relativamente ao uso do preservativo em contexto privado, este é raramente usado, devido à confiança que as trabalhadoras do sexo têm nos companheiros. Além disso, tanto nas relações em que os envolvidos têm conhecimento da atividade profissional das entrevistadas como nas que esta informação está oculta, o uso do preservativo nunca foi colocado à profissional, pelo que se concluiu que esta confiança é mútua. Quando perguntámos às entrevistadas se utilizavam preservativo em contexto privado, estas afirmavam que não lhes fazia sentido usar com alguém por quem nutriam toda a confiança e carinho. Através dos discursos das entrevistadas, conclui-se que a não utilização do preservativo é vista como uma manifestação de amor, em que a pessoa sente a liberdade de se entregar por completo ao outro.

Finalmente, a partir do contacto que mantivemos com as entrevistadas, apercebemo-nos que as profissionais mais velhas falam muito mais abertamente sobre a sua sexualidade e sobre o que fazem com os clientes e com os companheiros do que as profissionais mais novas. Tendo estabelecido contacto com mulheres desde os 25 anos até aos 59 anos, pudemos avaliar o trabalho sexual dentro de gerações diferentes e perceber de que modo é que esta diferença geracional influenciava o modo como estas mulheres percecionavam a sua ocupação profissional. Assim, colocámos a hipótese de as profissionais mais velhas, devido ao número de

anos de profissão que já acarretam, acabam por estar mais familiarizadas com aquilo que fazem. Neste sentido, há muito anos que vivem com esta realidade, portanto não criam barreiras quando são confrontadas com assuntos mais sensíveis relativamente à sua profissão. Além disso, devido ao facto de trabalharem no comércio do sexo há muito tempo, não têm as dúvidas que as pessoas que acabaram de entrar neste ramo de trabalho colocam a si mesmas. Indo além dos preconceitos e juízos de valor que a sociedade impõe sobre as trabalhadoras do sexo, as profissionais *veteranas* lidam com a profissão com mais maturidade, sem constrangimentos relativos aos serviços que prestam.

Conclusões

Neste capítulo final pretendemos refletir sobre os resultados mais relevantes do nosso estudo, extraindo algumas conclusões, bem como pretendemos refletir sobre as potencialidades, limitações e aspetos que poderiam ter melhorado a nossa investigação, referindo sugestões para futuros estudos.

O prazer sexual e a sexualidade das trabalhadoras do sexo são dois conceitos que raramente são enunciados na investigação científica em torno do trabalho sexual. É de notar que através dos discursos das mulheres que participaram nesta investigação é possível concluir que estes dois aspetos não só estão presentes na vida destas mulheres, como têm um papel fundamental na regulação do seu bem-estar e das respetivas relações íntimas.

Relativamente ao bem-estar das trabalhadoras do sexo nas suas relações íntimas, a qualidade da relação é tanto maior quanto maior for a liberdade destas mulheres de se expressarem tanto emocional como sexualmente com os seus companheiros, pois como qualquer pessoa, têm direito à sua sexualidade e intimidade. Esta investigação permitiu concluir que não sendo apenas um direito, a obtenção de prazer sexual é também uma necessidade subjacente à sexualidade destas mulheres. Como tal, esta possibilidade de expressão sexual pode refletir-se em contexto privado e/ou em contexto profissional, pelo que a sua ocupação profissional não é um impeditivo desta.

Neste sentido, não foram encontrados resultados que refletissem uma relação ou associação direta entre a expressão sexual em contexto privado e a atividade profissional das mulheres entrevistadas. Por um lado, esta investigação não encontrou resultados que refutassem ou corroborassem o estudo de Bellhouse, Bilardi, Crebbin e Fairley (2015). De facto, nenhuma mulher referiu um impacto positivo nas relações íntimas que fosse diretamente associado à sua profissão. Além disso, não houve nenhum discurso que relatasse uma relação entre uma intimidade mais profunda com os seus parceiros íntimos e o trabalho sexual, como referia Bellhouse et al. (2015). Por outro lado, os problemas associados à dificuldade de obtenção de prazer sexual em contexto íntimo nunca estavam diretamente relacionados com a atividade profissional das mulheres entrevistadas.

Tendo isto em conta, podemos concluir que o trabalho sexual não é, *per se*, uma profissão

que impeça a expressão da sexualidade das trabalhadoras do sexo, nem tanto uma ocupação profissional que diminua a sua vontade sexual. Assim, estas mulheres definem o modo como têm prazer sexual consoante o contexto, a pessoa e o momento desejados. Contudo, a necessidade de satisfação sexual do outro sobrepõe-se, em certos casos, à vontade própria.

A obtenção de prazer sexual como consequência de um sentimento de obrigação moral de satisfazer o homem é um assunto passível de ser discutido. Efetivamente, as mulheres sempre foram vistas como uma figura submissa pela sociedade, nomeadamente no ato sexual. Seja pelo facto de ser o orgasmo masculino o responsável pela reprodução, seja porque a sociedade é machista e patriarcal, seja porque a sexualidade da mulher sempre foi secundarizada ou negada, seja qual for a razão, esta atitude de submissão ao homem por parte da mulher pode ser entendida como uma atitude contrária à igualdade de género e aos direitos das mulheres. Através dos resultados desta investigação, podemos concluir que nos casos apresentados, algumas mulheres, por vezes, sujeitam-se ao ato sexual com o companheiro para o satisfazerem, porque nutrem sentimentos positivos por este. Por outras palavras, *fazer a vontade* é um ato de amor e dedicação. Mas a essência enraizada neste pensamento vai de encontro à visão não equilibrada da sexualidade feminina e do estatuto da mulher na sociedade. Contudo, a partir dos discursos das trabalhadoras do sexo esta desigualdade não parece ser perceptível por estas. Assim, se elas decidem tomar aquela postura e envolverem-se sexualmente com o outro por decisão própria, qualquer indicação no sentido de lhes indicar a atitude considerada correta poderá ser vista como um juízo moral.

A nosso ver, o modo como a trabalhadora do sexo lida com a sua relação é definido apenas por esta, sendo que a forma como deseja expressar-se sexualmente remete para o seu próprio olhar sobre a sexualidade feminina. Além disso, um ponto interessante a refletir é sobre o modo como a mulher percebe o conceito de *Satisfação sexual global* na relação. Quando as entrevistadas foram confrontadas a fazer um balanço global da sua satisfação sexual, estas mulheres remetiam não só para a satisfação sexual obtida na relação íntima, como também enfatizavam o bem-estar global nessa relação. Por outras palavras, estes discursos parecem transmitir uma associação entre satisfação sexual e satisfação global na relação privada. Esta associação pode reforçar a ideia que o sexo feminino define a qualidade da satisfação sexual tendo por base os outros aspetos da relação íntima, isto é, enfatizando todas as componentes da mesma como justificação para a sua qualidade do relacionamento sexual. Assim, através destes

resultados podemos concluir que a percepção da satisfação sexual numa relação íntima para a mulher é avaliada tendo em conta todas as componentes dessa relação.

Relativamente aos pontos positivos desta investigação, acreditamos que o instrumento usado para a recolha de dados foi o mais adequado, para garantir resposta aos objetivos da investigação. Além disso, consideramos ter garantido a validade dos dados, usando excertos dos discursos das entrevistadas na descrição e análise dos resultados, sendo transcritos exatamente como estas mulheres o relataram. Assim, estes discursos permitem enfatizar e empoderar estas mulheres refletindo as suas percepções, crenças e atitudes. Além disto, destacamos ainda a importância de ter dado voz sobre questões de sexualidade a um grupo de mulheres a quem esta possibilidade tem sido negada e que são frequentemente vistas como vítimas e incapazes obter prazer.

Apesar de tudo o que foi alcançado, esta investigação apresenta algumas limitações metodológicas. Por um lado, a amostra reduzida não permite conhecer de forma mais alargada a diversidade de discursos presentes nas mulheres envolvidas no comércio do sexo. Por outro lado, apesar da maioria das mulheres nos ter permitido a gravação das entrevistas, esta possibilidade não nos foi oferecida pela totalidade das entrevistadas, pelo que nos três discursos não gravados pode ter-se perdido informação pertinente para o presente estudo.

Para investigações futuras, consideramos interessante se o objeto de estudo fosse alargado ao sexo masculino, visto que a sexualidade é um construto que se aplica e influencia os sexos de modos diferentes. Além disso, é importante salientar que uma das entrevistadas salientou a ausência de informação por parte das instituições no que toca à sexualidade das trabalhadoras do sexo. Como já foi referido anteriormente, a sexualidade das trabalhadoras do sexo é um direito, pelo que a sua contínua negação impede um conhecimento aprofundado por parte das pessoas envolvidas neste comércio. Para uma população estigmatizada que age contra os princípios morais de uma sociedade machista, ver os seus direitos revindicados é uma luta constante, mas esta investigação reflete a heterogeneidade desta população que se mantém preocupada em informar-se.

Efetivamente, uma das implicações desta investigação, baseada no que a mulher suprarreferida salientou, é a importância e o impacto que formações e palestras acerca da sexualidade feminina no trabalho sexual podem vir a ter, no sentido de informar e transmitir o necessário a estas profissionais. Se lutar contra o estigma associado ao trabalho sexual já é um

desafio, então abordar e desenvolver as questões da sexualidade feminina e prazer sexual nesta comunidade poderia ser um desafio aos papéis de género, que remetem a mulher para um lugar de submissão, e à forma como é vista a sexualidade feminina, em geral, e o prazer em particular.

Apesar de toda a investigação relativamente às estratégias de *coping* das trabalhadoras do sexo, através dos resultados obtidos concluímos que analisar os mesmos mecanismos em relação aos clientes também seria pertinente. De facto, quando se fala na relação entre trabalhadora do sexo e cliente, a investigação apenas contempla esta ligação de um modo unidirecional. Se a profissional precisa de aprender a distanciar-se do cliente, a partir dos discursos das mulheres, podemos concluir que talvez o cliente também necessite de estratégias para se relacionar com as trabalhadoras do sexo como prestadoras de serviços que são, mantendo distanciamento emocional.

Através dos discursos destas mulheres, apercebemo-nos da necessidade e vontade que têm de falar sobre assuntos como a sua sexualidade. De facto, todas manifestaram satisfação em colaborar e afirmaram nunca ter sido abordadas por este tipo de assuntos por ninguém, o que demonstra que esta questão nunca foi discutida com estas profissionais do sexo. Mesmo a dificuldade em encontrar investigação acerca do prazer sexual da trabalhadora do sexo reflete a falta de interesse por estas questões. Realçar estas profissionais como alguém com necessidades sexuais consideradas normativas é fundamental, visto que o senso comum ainda categoriza estas mulheres dentro da dualidade promiscuidade-vitimação. Assim, como referimos no início deste trabalho, a sexualidade feminina e o prazer sexual são direitos femininos, pelo que uma avaliação exploratória e crítica destes fenómenos permite garantir o empoderamento da mulher.

Referências bibliográficas

- Allen, B., Castañeda, X., García, C., Hernández-avila, M. & Ortiz, V. (1996). Sex masks: The double life of female commercial sex workers in mexico city. *Culture, medicine and psychiatry*, 20, 229-247.
- Amaro, H., Martinez, G., Patterson, T. L., Rangel, M. G., Robertson, A. M., Strathdee, S. A. & Syvertsen, J. L. (2014). Can't buy my love: A typology of female sex workers' commercial relationships in the mexico - u.s. border region. *Journal of sex research*, 51(6), 711-720. doi: 10.1080/00224499.2012.757283
- Amaro, H., Bazzi, A. R., Fergus, K. B., Martinez, G., Rangel, M. G., Strathdee, S. A., Syvertsen, J. L. & Ulibarri, M. D. (2015). Love, trust, and hiv risk among female sex workers and their intimate male partners. *American Journal of Public Health*, 105(8), 1667-1674.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Paris, France: Presses Universitaires de France.
- Barreto, L. C. (2008). *Prostituição, gênero e sexualidade: Hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de belo horizonte* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Bellhouse, C., Bilardi, J. E., Crebbin, S. & Fairley, C. K. (2015). The impact of sex work on women's personal romantic relationships and the mental separation of their work and personal lives: A mixed-methods study. *Plos One*, 10(10), 1-20. doi:10.1371/journal.pone.0141575
- Bernstein, E. (2007). *Temporarily yours: intimacy, authenticity, and the commerce of sex*. Chicago, USA: The University of Chicago Press.
- Bourdieu, P. (1994). Le corps et le sacré. In P. Bourdieu (Ed.), *Actes de la recherche en sciences sociales* (p. 2). Paris, France: Seuil.
- Camolesi, A. B. & Ferreira, R. T. (2014). O trabalho e a família no cotidiano das profissionais do sexo da rodovia sp 340* . 79-95. *Universitas*, 7(13), 79-96 .
- Chonody, J., Dunk-West, P. & Murphy, H. (2015). Emotion work and the management of stigma in female sex workers' long-term intimate relationships. *Journal of Sociology*, 51(4), 1103-1116.

- Corrêa, W. H., & Holanda, A. F. (2012). Prostituição e sentido de vida: Relações de significado. *Psico-USF*, 17(3), 427-435.
- Cuntim, M., & Nobre, P. (2011). The role of cognitive distraction on female orgasm. *Sexologies*, 20, 212-214. doi:10.1016/j.sexol.2011.08.001
- Ditmore, M. & Rockwell, W. (2009). Editorial. *Research for sex work*, 11 (capa). Netherlands: Network of sex work projects.
- Fagúndez, G. T. & Fagúndez, P. R. (2017). Carnivorismo e ciência: A dominação masculina perpetuada pelo direito. *Revista de Biodireito e Direitos dos Animais*, 3(1), 109-126.
- Fang, X., Li, X., Stanton, B., Wang, B., & Zhao, R. (2008). Condom use and self-efficacy among female sex workers with steady partners in china. *Aids Care*, 20(7), 782-790.
- Guerra, E., L. (2014). *Manual de pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte, Brasil: Grupo Ânima Educação.
- Hindin, M. J., Nathanson, C. A., Rakotoarison, P. G., Razafintsalama, V. & Stoebenau, K. (2009). "...But then he became my sypa": The implications of relationship fluidity for condom use among women sex workers in antananarivo, madagascar. *American Journal of Public Health*, 99(5), 811-819.
- Kontula, A. (2008). The sex worker and her pleasure. *SAGE journals*, 56(4), 605-620. doi: 10.1177/0011392108090944
- Luke, N. (2006). Exchange and condom use in informal sexual relationships in urban kenya. *Economic Development and Cultural Change*, 54(2), 319-348. doi:10.1086/497011
- Manago, B. & Mize, T. D. (2018). Precarious sexuality: How men and women are differentially categorized for similar sexual behavior. *American Sociological Review*, 83(2), 305-330. doi: 10.1177/0003122418759544
- Maroy, C. (1995). A análise qualitativa de entrevista. In A. Colin (Ed.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155). Paris, France: Gradiva.
- Oliveira, A. (2002). *Da prostituição ao trabalho sexual: Atrizes, práticas e contextos* (Tese de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Oliveira, A. (2011). *Andar na vida: Prostituição de rua e reação social*. Coimbra, Portugal: Almedina.

- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas: um estudo etnográfico de Doutorado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Oliveira, A. (2013). Prostituição feminina, feminismos e diversidade de trajetórias. *Revista Ex-Aequo*, 28, 17-30.
- Oliveira, C., L. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, 2(3), 1-16.
- Pai, A. & Seshu, M. S. (2014). Sex work undresses patriarchy with every trick! *IDS Bulletin*, 45(1), 46-52. doi.org/10.1111/1759-5436.12067
- Pottle, H. (2009). Sex workers' rights are human rights! takin' it to the streets in the las vegas strip. *Research for sex work*, 11, 4-5.
- Pyett, P. M. & Warr, D. J.,(1999). Difficult relations: Sex work, love and intimacy. *Sociology of Health & Illness*, 21(3), 290-309. doi.org/10.1111/1467-9566.00157
- Rubia, J. M. (2011). Frecuencia de relaciones sexuales em parejas casadas: diferencias entre hombres y mujeres. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, 17(33), 45-76.
- Rubin, G (1989). Reflexionando sobre el sexo: Notas para una teoría radical de la sexualidad. In C. Vance (Ed.), *Placer y Peligro: Explorando la Sexualidad Femenina* (pp. 113-190). Madrid, Spain: Revolución.
- Ruquoy, D. (1995). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In A. Colin (Ed.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 84-116). Paris, France: Gradiva.
- Sanders, T. (2002). The condom as psychological barrier: Female sex workers and emotional management. *Feminism & Psychology*, 12(4), 561-566.
- Sanders, T. (2004). A continuum of risk? the management of health, physical and emotional risks by female sex workers. *Sociology of health & illness*, 26(5), 557-574. doi 10.1111/j.0141-9889.2004.00405.x
- Smith, E. M. (2017). 'It gets very intimate for me': Discursive boundaries of pleasure and performance in sex work. *Sexualities*, 20(3), 344-363.
- Silva, D. M. (2014). A construção da realidade na perspectiva relacional de pierre bourdieu. *Temáticas*, 22(44), 61-86.

- Vanwesenbeeck, I. (2001). Another decade of social scientific work on sex work: A review of research 1990-2000. *Annual review of sex research*, 12, 242-289.
- Vanwesenbeeck, I. (2005). Burnout among female indoor sex workers. *Archives of sexual behaviour*, 34(6), 627-639.doi: 10.1007/s10508-005-7912-y
- Weitzer, R. (2005). New directions in research on prostitution. *Crime, law & social Change*, 43, 211-235.

Anexos

Anexo 1: Guião da entrevista semiestruturada realizada às trabalhadoras do sexo

Intimidade e relacionamento

1. Encontra-se numa relação de intimidade atualmente?
 - a. Que tipo de relação é essa? É a única relação de intimidade que tem neste momento?
2. Pode falar-me um pouco mais acerca da relação íntima que mantém com a/o sua/seu companheira/o?
 - a. Há quanto tempo dura a relação?
 - b. Vivem juntos?
 - c. Qual a natureza dessa relação? (São namorados, casados, amigos, “amigos coloridos”, cliente com benefício, ou outro) E qual o tipo de relação? (íntima, afetiva ou sexual)
 - d. Como se sente nessa relação? Como essa relação a faz sentir? (Se sim à alínea anterior)
 - e. Ela/ele tem conhecimento da sua atividade profissional?
 - i. Se sim: É importante ele saber? Em que medida de esse conhecimento influencia a vossa relação?
 - ii. Se não: Em que medida a/o sua/seu companheira/o não ter conhecimento da sua atividade influencia a vossa relação? Porque optou por esconder?

Envolvimento e prazer sexual – clientes e companheiros

3. Agora, relativamente a esta mesma relação, gostava que me falasse acerca da sua vida sexual com a/o sua/seu companheira(o). Como descreveria essa componente da vossa relação?
 - a) São sexualmente ativos(as)?
 - a. Se não: Porquê? O que acha que está a impedi-lo?

- b) Como é o seu envolvimento nessa relação? (Muito envolvida, pouco envolvida). Sente-se gratificada nessa relação?
 - c) Sentem-se à vontade um com o outro?
 - a. Se não: porque não?
 - d) Com que frequência estão sexualmente juntos?
 - e) Sente vontade de obter prazer sexual com a/o sua/seu companheira/o?
 - a. Se sim, com que frequência?
 - b. Se não: Tem alguma razão para isso?
 - f) Quando efetivamente têm relações sexuais, quem costuma tomar a iniciativa?
 - g) Sente prazer sexual com a/o sua/seu companheira/o?
 - a. Se não: o que acha que a impede de obter esse prazer?
4. Agora, no caso dos clientes, como descreveria a relação que mantém com estes?
- a) Sente vontade de obter prazer sexual com os clientes?
 - a. Se sim: Com todos ou só com alguns? Quais os fatores, na sua relação com esse(s) cliente(s), que podem desencadear este desejo?
 - b. E tem?
 - b) Já aconteceu que, mesmo não o desejando, obteve prazer sexual com um cliente?
 - c) Já aconteceu surgir um (ou mais) cliente(s) em que a relação entre vós não fosse apenas profissional?
 - a. Se sim:
 - i. Qual a natureza dessa relação?
 - ii. O que sente quando está com esse(s) cliente(s) em específico?
 - iii. Sente vontade de obter prazer sexual com esse(s) cliente(s)? Porquê?
5. Tendo em conta o relacionamento que mantém com a/o sua/seu companheira/o e com os seus clientes:
- a) Em qual destas relações (comerciais ou não comerciais) sente que obtém mais prazer sexual? Porquê?
 - b) Em qual destas relações sente maior facilidade em obter prazer sexual? Porquê?
 - c) Em qual das relações se sente mais envolvida com o Outro?

- h) Mudaria alguma coisa na sua relação com o seu companheiro?
 - a. Se sim: o quê?
- i) Se tivesse que fazer um balanço global da sua satisfação sexual com a/o sua/seu companheira/o, como o descreveria?

Distanciamento emocional e utilização do preservativo

6. Finalmente, gostava de saber a sua perspetiva relativamente à utilização do preservativo ou não na sua vida sexual.

- a) Usa preservativo nas suas relações sexuais?
- b) Com que tipo de parceiras/os utiliza preservativo?
- c) Independentemente do ato sexual (vaginal, anal ou oral), costuma abrir algum tipo de exceção? Porquê?
- d) Qual o objetivo da (não) utilização desse método contraceutivo? Esse uso tem algum objetivo além da proteção contra doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez?
- e) Usa preservativo quando se envolve em relações sexuais com a/o sua/seu parceira/o (fora do trabalho)?
- f) Acha que a utilização do preservativo tem algum significado, além de proteger contra as doenças sexualmente transmissíveis?
 - a. Se sim, o que significa para si utilizar o preservativo?
- g) Considera que a utilização do preservativo ajuda a construir uma barreira psicológica em contexto profissional?
 - a. Se sim, como?
- h) Houve alguma ocasião em que a/o sua/seu companheira/o lhe exigisse a utilização do preservativo?
 - a. Se sim, qual acha que foi a razão para tal?

7. Gostava de acrescentar algo que ainda não tivemos oportunidade de explorar?

Dados sociodemográficos:

1. Idade
2. Identidade de género
3. Orientação sexual
4. Residência Meio Rural/Urbano
5. Escolaridade
6. Local do trabalho sexual

Anexo 2: Consentimento oral informado

O meu nome é Beatriz Santos e sou estudante de Mestrado Integrado em Psicologia da Universidade do Porto. Neste âmbito, estou a desenvolver uma investigação, sob a orientação da professora doutora Alexandra Oliveira, cujo objetivo é compreender o prazer sexual das trabalhadoras do sexo nas suas relações sexuais comerciais e não comerciais.

Quisemos fazer este trabalho, pois consideramos que ainda existem preconceitos em relação às mulheres que estão no comércio do sexo e esta investigação pode contribuir para transmitir uma imagem mais aproximada da realidade. Consideramos que as mulheres que fazem trabalho sexual têm direito à sua sexualidade e ao prazer, pelo que gostaríamos de ouvir a sua opinião e experiência.

Para atingir este objetivo, gostava de colocar-lhe algumas questões relacionadas com a sua sexualidade, intimidade e relações amorosas, seja em contexto comercial ou não. As suas respostas serão anónimas e apenas eu e a minha orientadora iremos ter acesso à sua entrevista. Se não quiser responder a alguma pergunta ou se, a qualquer momento, não quiser continuar a entrevista, pode desistir ou interromper, sem qualquer consequência para si. Não há respostas certas ou erradas e não farei qualquer juízo de valor sobre o que me disser. Apenas quero saber a sua opinião. Pode demorar o tempo que quiser.

Assim, se concordar em participar nesta investigação, ia fazer-lhe algumas perguntas. Concorda em participar? Gostava de lhe perguntar se seria possível gravar a entrevista, apenas para me facilitar a recolha de informações, pois, caso contrário, terei que estar a tirar notas e posso não conseguir registar exatamente o que me disse. Não há problema algum se recusar, pois está no seu direito e o trabalho não ficará comprometido. Antes de começar, queria só ter a certeza que compreendeu tudo o que eu lhe disse e dizer-lhe que se tiver alguma dúvida pode colocar. Compreendeu tudo o que foi dito? Tem alguma questão?

Então, vamos começar.

Anexo 3: Categorias de análise segundo os temas de investigação

1º Tema: O envolvimento e o prazer sexual nas relações íntimas das trabalhadoras do sexo

I. O relacionamento afetivo

<i>Categoria de análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
Caraterísticas	Caraterísticas do relacionamento afetivo	Dinâmica	“Às vezes, acho eu, às vezes a gente pensa que tem o controlo de tudo, mas para já, ainda consigo me manter... não assim naquele contacto de muito envolvida, muito envolvida, mas o suficiente para a gente ter um relacionamento ainda bom... bacano ainda.”
Imposição de limites	Limites que a trabalhadora do sexo estabelece no envolvimento íntimo	No envolvimento sexual	“Só há uma coisa na nossa relação que eu não faço: é dar beijos na boca.”
Influência da atividade profissional na relação	A influência da atividade profissional na relação íntima da trabalhadora do sexo, dependendo do conhecimento ou ocultação da profissão ao companheiro.	Conhecimento da atividade profissional	“Não influencia, porque ambos temos uma mente aberta e ele sabe que isto é mesmo por dinheiro.”
		Ocultação/Não conhecimento da atividade profissional	“Agora, se contei à pessoa? Não, não contei à pessoa que voltei a... nessa situação, compreende? Porque acho que não seria uma mais valia e só iria prejudicar e magoar a pessoa”
Sentimentos	Sentimentos envolvidos no relacionamento afetivo	Afeto	“Mas eu também procuro enfeitar o pavão legal, né? (ri-se), entende? Eu procuro usar... de sedução, de carinho, ele quer namorar, não é só sexo, ele quer namorar, quer mimo, não é?”

		Amor	“Porque você sabe porque o amor... sentimento que gera na gente aquela química”
		Apoio	“Porque essa pessoa já me ajudou muito nos momentos mais difíceis da minha vida.”
		Carinho	“Sim, sinto que ele é muito amável comigo.”
		Confiança	“Sim eu tenho mesmo... hum, esse aspeto dele não ter mais ninguém, eu tenho mesmo confiança nele. Tenho.”
		Conforto	“Se tiver que estar na casa de banho e ele ter que entrar, ele entra ou se ele estiver na casa de banho e eu ter que entrar eu entro.”
		Gratidão	“- E sente-se gratificada com a relação que tem? - Sinto, claro que sim (sorri).”
		Sinceridade	“Porque eu nunca fui uma pessoa de lhe inventar uma dor para não o fazer.”
Satisfação global	Satisfação global da trabalhadora do sexo na relação íntima	Qualidades	“Não tenho queixa, sinto-me completa. Ele é boa pessoa.”
		Dificuldades	“Mudava tudo. Se ele morresse, saía-me o Euromilhões! (ri-se)

II. O relacionamento sexual

<i>Categoria de análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Subsubcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à categoria</i>
Caraterísticas	Caraterísticas do relacionamento sexual	Frequência		“Sim... duas vezes por semana. Em média, vamos fazer uma média, duas vezes por semana.”
		Iniciativa	Quem	“Nessas vezes, por norma sou eu que tomo a iniciativa (...)”
			Fatores	“(...) Há uma fase do mês, eu não sei se estou na ovulação ou o quer que seja, que me aumenta muito o meu apetite sexual [ri-se].”
Prazer sexual	O prazer sexual no relacionamento	Motivação	Vontade sexual	“É, a vontade surge, surge, surge e muito.”
			Prazer decorrente de obrigação moral	“O prazer que tenho com o meu marido é mecânico”. “Já não é especial”. “Não há carinho, não há paixão”.
		Obtenção		“- E quando efetivamente está envolvida com ele consegue obter prazer? - Sim!”
		Orgasmo		“- Mas já conseguiu atingir o <i>climax</i> com o seu companheiro? - Claro, muitas vezes, então já (ri-se).”
		Dificuldades		“- É, ele chega ali, introduz, duas <i>bumbadelas</i> , e vai-se lavar e eu vou-me lavar e a gente adormece. Não há clima.”
Ausência de prazer sexual	Motivos para a ausência de prazer sexual no relacionamento	Motivos atribuídos ao companheiro	Ausência de competência	“- É assim olhe, também não é um homem que perceba de sexo chega ali <i>tuc tuc</i> já está. - E o que é isso, do “ <i>tuc tuc</i> já

				está”? - É um homem muito rápido e não sabe fazer amor.”
			Ausência de vontade sexual	“O sexo é pouco, o meu marido não é muito de sexo.”
		Motivos autoatribuídos	Ausência de vontade sexual	“Então pronto, as coisas inverteram. Honestamente, é ela que vem atrás de mim e eu não sinto mais.”
			Incapacidade física	“Tenho medicação, tenho isso tudo, comprimido que eu já não... esquece.”

2º Tema: O prazer sexual ou a sua ausência em contexto comercial

III. O prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial

<i>Categoria de análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Subsubcategoria</i>	<i>Exemplos de resposta à subsubcategoria</i>
Existência de prazer sexual	Presença do prazer sexual nas relações comerciais	Motivações para o prazer	Necessidade sexual	“Às vezes faço com que aconteça. Não quer dizer que ame menos o meu marido. Às vezes, apetece.”
		Surgimento involuntário	Com culpa	“- Prontos, claro, não é muito normal... não havia... sei lá, não havia de ser, não é, mas prontos. - Mas porque é que acha que não haveria de ser? - Oh porque não. Ah (ri-se) porque isto aqui não é para ser. Aqui é para eles se virem. “
			Sem culpa	“Eu estar bem em mim, estar bem em mim e ele saber trabalhar, se a gente quiser, até deixo ir.”

IV. A ausência de prazer sexual das trabalhadoras do sexo em contexto comercial

<i>Categoria de análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta a subcategoria</i>
Autodeterminação	Capacidade das trabalhadoras do sexo de, apesar do prazer sexual estar presente, impedir que este surja em contexto comercial por o considerarem inadequado	Imposição de limites em relação ao preço	“Pois claro! 10€ também, fogo, já viu? Mas eles “Ah a tua amiga faz”, “Ó senhor, mas cada uma faz... cada uma tem os seus limites”.”
		Repressão do prazer	“Estava quase a surgir, não estou a falar do orgasmo, estou a falar de certo prazer, mas eu não deixei, porque sou eu que não quero.”
Incapacidade pessoal	Incapacidade das trabalhadoras do sexo de verem o contexto comercial como um momento para obter prazer sexual, sendo este inexistente.	Mecanização do ato sexual	“- Não, isto é tipo, é como vender rifas. Eles dão o dinheiro e eu faço o serviço. Isto é... não... nem se pensa por aí.”
		Separação da vida profissional da vida privada	“- Eu não obtenho prazer sexual no meu trabalho. Eu faço... aquilo que tem de fazer. Aquilo que tenho que fazer. Eu sei separar a mulher, não é? Tanto com o ambiente de trabalho eu separo, do trabalho com a vida pessoal. Com ele (companheiro), sim eu tenho.”

3º Tema: A utilização do preservativo em relações privadas e comerciais: motivos e distanciamento emocional

<i>Categoria de análise</i>	<i>Descrição</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Exemplo de resposta à subcategoria</i>
Relações privadas	Fatores da utilização ou não utilização do preservativo nas relações privadas	Uso do preservativo	“Porque ele também é muito punheteiro e não sei se ele lá vai às catraias.”
		Não uso do preservativo	“Porque não! Eu acho que isso até está presente a confiança, tanto dele quanto minha.”
Relações comerciais	Fatores da utilização do preservativo nas relações comerciais	Uso do preservativo	“-Nem para bater punhetas, que eu não vou sujar minhas mãos! - Portanto usa sempre preservativo? - Sim, eu sou enjoada.”
Preservativo como barreira psicológica	Percepção do preservativo como uma barreira psicológica, que permite criar um distanciamento entre trabalhadora do sexo e cliente	Para o cliente	“Vou falar pelos clientes. Emocionalmente, para eles, seria complicado no sentido que poderiam achar que havia algo mais”
		Para a trabalhadora do sexo	“Acredito que sim. Não sei bem definir, mas para mim, por exemplo, é como se fosse uma barreira mesmo. Que não deixasse, entendeu? Aquela intimidade ali, penso, estou falando por mim!”